

Histórias da Família Basílio



Por tia Alzira, Lúcia e João Basílio

História da Família Basílio

Introdução	5
Por tia Alzira Santos.....	7
Nossa casa	7
O convite do João para Belo Horizonte	9
A vinda nossa para Belo Horizonte.....	10
A vida na Colônia Afonso Pena	11
Alguma coisa sobre nossa casa.....	14
Meus pais.....	16
Como eram meus cunhados	16
Casamento dos meus pais e como se conheceram	17
A vida no rancho.....	18
Meus brinquedos preferidos: casinha e armazém.	18
Mudança para o Parque Jardim.....	22
Eu e meu pai	23
Por Lúcia Miranda, filha da Tia Lica.....	25
O começo da história.....	25
As mais antigas lembranças.....	27
Leite de cabra	28
A loura e a morena	29
Mês de Maria – as coroações	30
A primeira escola	31
Assombração	32
Homem mais moço, jamais	33

O salvamento	33
Eu já devia ter aprendido.....	33
Doeu demais	34
Pobre só podia sonhar	37
Café com pão, manteiga sim	40
Com que roupa?	41
Meu pai	43
A solidariedade dos excluídos.....	44
"A fruta é pouca, o macaco é muito"	45
Sexta-feira da Paixão	47
Passos de menina	48
A contadora de histórias.....	49
Vovó Maria.....	57
Sou gulosa mesmo!.....	59
Seria o primeiro emprego.....	62
Primeiro emprego	63
Primeiro dinheiro.....	66
Por João Basílio	67
A História de João Basílio.....	67
Músicas de João Basílio	69
Bodas de Ouro	70
Cordas da Minha Viola.....	71
Minha Idade.....	72
Dois Minutinhos.....	73
Neguinha Bonita	74

Ano 2000.....	75
Se Eu Errei.....	76
Conselho Espiritual	77
Alice Maria.....	78
Pirraça.....	79
Você Não Me Ama	80
Victor	81
As Meninas	82
Oitenta Anos.....	83
Samba de Rebolar.....	84
Terceiro Milênio	85
Quero Louvar	86
Nasceu Jesus.....	87
Saída da Escravidão	88
Disse Que Não	89
Minha Vida.....	90
Samba do Velho.....	91
Alessandra	92
Juninho	93
Juna.....	94
Preciso Descansar	95
Poema do tio Manuel	96

Introdução

Esta história começa, pelo que sabemos, com Getúlio Basílio da Silva, nascido em 1879 e falecido em 10.07.1942, casado com Maria Francisca da Silva, nascida em data desconhecida até o momento e falecida em 17.09.1961. Em poucas palavras esta família tem a marca que foi passada pelo filho de Getúlio Basílio da Silva, o João Basílio da Silva, que é para Gilberto, seu filho, com suas palavras:

“Meu pai é para mim a referência de caráter, honradez, sensatez, serenidade, sensibilidade, musicalidade, sensibilidade, espiritualidade, bondade e alegria. Com ele aprendi a ouvir mais que falar, a compreender o próximo, a entender que a não reação é melhor que a discussão, aprendi a valorizar a vida, a não fazer gesto que possa prejudicar o próximo. Ele é um amante da vida, um gigante de fé e coragem para vencer todos os obstáculos que surgiram em sua vida. Meu pai, único homem entre sete irmãs, teve uma trajetória de luta, mas sempre passou a alegria, o bom humor, a música e a dança. Por onde passou sempre deixou boas lembranças.”

Falando de João Basílio da Silva estamos falando de Alice Maria da Silva, sua esposa e também estamos falando de toda a sua família, de toda esta descendência de Getúlio Basílio, que pode ser conhecida por esta simples homenagem, com as histórias contadas por sua irmã Alzira e por sua sobrinha Lúcia Miranda, além de uma pequena história e das músicas compostas por ele e de um poema recitado pela tia Maria.

História da Família Basílio

Por tia Alzira Santos

Nossa casa

Nossa casa em Neves era da seguinte forma: Cozinha, um quarto médio e um quarto grande, que servia de dispensa também. Depois papai fez uma sala de tijolos que nos deu mais conforto. O terreiro da sala era grande e cercado de bananeiras bem altas. Estas bananeiras serviram para colocar mesas fixas para a refeição dos presos. E era debaixo delas, bem antes dos presos ocuparem é que eu brincava de casinha com uma colega que tinha o mesmo nome meu. Esta menina era escurinha, bem alta e magrinha, mas nós combinávamos muito. Na lateral, havia uma grande árvore de Amoreci (Murici?) que enfeitava a casa na qual brincávamos também. A cozinha não era muito pequena e era de chão. Tinha uma pequena escada que descia para o terreiro e depois o caminho da bica.

Nós tínhamos uma nascente que formava um poço com a tal bica, onde se lavavam roupas, vasilhas e onde mamãe lavava as dobradinhas que seriam vendidas no dia seguinte, nas redondezas.

Mamãe sempre foi comunicativa e cheia de amizades. Eu era a mais mimada, pois era a caçula. Ela me prometia passear em casa das amigas quando eu não queria beber chá. E sempre cumpria sua promessa.

Quando cresci um pouco já via a casa da Lica pouco distante da nossa. Era uma casa bem-feita, de tijolos com cozinha, sala, quarto e despensa. No fundo era só terra de arrozal. Também o da nossa casa onde se plantava arroz e inhame.

Ali enquanto as pessoas mais velhas conversavam, os jovens e crianças brincavam de roda. Esta roda era grande e era de rapazes e moças também. E cantavam...

Entre todas as músicas eu me lembro de algumas:

*"Você gosta de mim ô Maria
Eu também de você ô Maria
Vou pedir a seu pai ô Maria
Para casar com você*

*Se ele disser que sim ô Maria
Tratarei dos papéis ô Maria
Se ele disser que não ô Maria
Morrerei de paixão" etc.*

As outras eram:

- Noite cheia de estrelas
- Última estrofe
- O nosso amor traduzia
- Ébrio
- Santa Terezinha: Neste mundo eu choro a dor, etc.

Às vezes ao voltar da Igreja passávamos por um grupinho cantando estas músicas no meio da rua acompanhada de violão.

"Nesta rua mora um bosque que se chama solidão..."

Até hoje quando escuto esta música, lembro-me da minha infância. Eu gostava muito de brincar de casinha e de armazém e de horta. Passei uma boa parte da infância apreciando as músicas que meu irmão e seus colegas tocavam.

Também tinham as músicas românticas que os nossos amigos guardas da penitenciária cantavam e tocavam violão. Alguns tinham deixado suas famílias aqui em Belo Horizonte e iam cantar para se distrair. Outros podiam ser namorados das minhas irmãs que eram bem bonitas. E as músicas eram mais ou menos estas:

- Acorda patativa
- Última inspiração
- A pequenina cruz do teu rosário...

Minha mãe trabalhava muito e eu não lembro de faltar nada. Colhia de tudo, a terra era boa. Por esta época apareceu também um cabo da polícia que gostava

muito da Ana, minha irmã. Ele se chamava Cabo Pinto, mas no normal era chamado de "Pinto". Era simpático e muito bom, mas fomos saber que ele era casado.

Minha mãe era religiosa e muito devota de Nossa Senhora e passou para mim essa devoção. Colocou-me para coroar Nossa Senhora desde quatro anos. Eu a agradeço por isto e peço a Deus por ela.

Papai era agregado de um fazendeiro de nome Chiquinho dos Pilões, Pilões era o nome da fazenda. Ele era muito bom para nós e a gente vivia tranquilo naquele rancho de capim, com saúde e muita fartura. Papai trabalhou também na construção da Penitenciária no início, depois o Estado precisou do terreno para agricultura.

A casa da Lica ficava um pouco mais abaixo da nossa. Já foi mais bem construída pelo meu cunhado Manoel. Ele era pedreiro e fez a casa caprichada, com sala, quarto, cozinha e dispensa. Era toda feita de tijolos e tinha no fundo uma ótima terra de arroz. Quando fui crescendo já lembro deles criando um nenenzinho, ela se chamava Adalvize. Depois que a Lica mudou para São Paulo já levou um menino mais ou menos de 1 ano e pouco e lá ele faleceu. A Lica sofreu com a perda dos 5 primeiros filhos, inclusive os gêmeos. Nesses tempos Dindinha casou com Antônio e moraram também nesta mesma casa, até virem para B.H.

O convite do João para Belo Horizonte

Tudo estava resolvido, ele ficaria em casa de uns amigos para trabalhar. Mas depois que ele estava dentro da condução, mamãe começou a chorar e o tirou lá de dentro e levou para casa. Ela tinha adoração por ele. A jardineira era mais baixa que uma rural e cheia de janelas e muitos lugares. Por fora era revestida de madeira.

Quando o João foi convidado, nós já estávamos morando no arraial. Não sei se alugamos ou ganhamos uma casa, bem em frente ao salão vicentino. Esta casa era boa, com 4 cômodos, bem alta. Fomos para esta casa, porque o Estado precisou do terreno onde nós morávamos, para dar ocupações para os presos que iam fazer plantações de árvores frutíferas. Aí, já não tinha mais a bica, a água era de cisterna e mamãe não pôde mais atender sua freguesia. O mais

fácil seria lavar roupas nas casas daquelas famílias mais conceituadas. E eu ia com ela para esfregar as peças pequenas, para depois voltar e almoçar, depois ir para a aula.

No meu primeiro ano tinha nove anos, minha professora era casada e nova, ainda com filhos pequenos. Ela era protestante, mas era ótima e ensinava a gente até como receber uma visita.

Mas nesta mudança para o arraial, eu não lembro d'a mamãe reclamar, pois agora não mais podia fazer polvilho, sabão, farinha, nem plantar nada. Ela deve ter ficado deprimida. Viemos em 1940 para Belo Horizonte.

A vinda nossa para Belo Horizonte

Papai não queria mudar, porque tinha sessenta e um anos e não tinha profissão. Mas resolveu mudar assim mesmo em 1940. Fomos morar do outro lado da cidade Ozanam, perto do meu cunhado que trabalhava na olaria. Eu fui estudar na escola de lá, e tinha aulas de catecismo dadas pelas irmãs que eu adorava. Lá eu fiz o segundo ano e já tinha onze anos.

Moramos num bonserá (construção de parede-meia) com um pessoal legal, eram morenos, mas muito corretos. E nas tardes de domingo, ele, o rapaz, tocava violão e sua mãe chamava-se D. Faustina. O rapaz que tocava era o Tininho, simpático e bonzinho, ainda lembro o seu verso, que eu gostava muito:

*“Vai, vai, vai cumprir o seu fado, oh mulher
Vai, vai que eu espero
Um resultado qualquer
Não terei arrependimento
Se tu com outro for feliz
Mas se você passar tormentos
Não foi pelo que lhe fiz”*

Mas mudamos para Brasilina, porque ficava mais perto para o João, só esperamos eu passar para o 3º ano. Ele trabalhava para um empreiteiro de nome Lindolfo que morava na Rua Macuco. Lá nós moramos em duas casas,

uma perto da rua Silveira e outra na Genoveva de Souza, perto da Silviano Brandão, mas só tinha um córrego e um brejo muito sujo.

Papai trabalhava todos os dias, fazendo biscates de vários tipos. Ele estava furando uma fossa e quando minha mãe foi levar almoço, ele falou que a terra estava muito dura, resolveu colocar água dentro da fossa, enquanto almoçava. Depois entrou e começou a furar. Mas às 4 horas, chegou em casa com muita dor de cabeça. Um derrame violento o levou em 72 horas. Ficamos muito desolados. Ele faleceu no dia 10 de julho de 1942.

Nesta época, mamãe foi trabalhar na lavanderia do Hospital São Francisco. A Maria já trabalhava de enfermeira lá também. Eu já estudava no Flávio dos Santos no terceiro ano, com doze anos. Eu adorava o grupo, minha professora chamava-se D. Nilde Fernandes e era muito boa. Nesta época a Lica estava esperando a Lúcia e resolveu voltar para Neves. Então nós fomos para sua casa na Colônia Afonso Pena, hoje Coração de Jesus.

A casa que moramos na Rua Genoveva de Souza era de um senhor chamado Narciso, mas quem morava nos fundos, era um filho de nome Canuto, que gostava muito de tocar instrumento de sopro e a música era bonita, seu verso:

*“Meu amor, porque pensas ainda em mim.
Não choremos a vida passada
Porque todo romance tem fim
O que sinto não posso dizer-te
Porque minha voz na garganta morreu.”*

Eu gostava muito das tardes de domingo.

A vida na Colônia Afonso Pena

A nossa família passou para cinco pessoas, eu, mamãe, o João, Maria, Ana. A Maria passara para o São Lucas e trabalhava interna, só ia em casa às quartas-feiras. O João foi para Pará de Minas, lugar longe demais.

Depois de um ano e um mês, perdemos a nossa irmã. Ficamos só em quatro pessoas, a sorte é que Dindinha Lica morava na casa de cima, bem perto de

nós. A minha irmã faleceu com vinte e seis anos em 1943, dia 11 de agosto. Mas mamãe não ficou totalmente sozinha. O João voltou para casa e era um ídolo para ela. Ele já era arrimo de família desde o falecimento do meu pai. Ela só ficava sozinha durante o dia, não lembro d'ela reclamar nada. Era uma santa mesmo.

A Lúcia era novinha e morava em Neves. Lembro-me de ir lá para ser sua madrinha de representação. Sua madrinha de batismo, era a Julieta, uma moça bonita que cuidava das festas de igreja e das coroações. Acho que seu padrinho chamava Messias e era amigo da família Cearense, rapaz bom e muito educado. Ela morreu quando foi ajudar um menino tirar o papagaio da rede elétrica, sendo que a família de Lúcia já morava aqui, ela podia ter os seus onze anos e foi até Neves visitar sua madrinha pela última vez.

Eu estudei no grupo João Pessoa e lá tirei o meu diploma com treze anos. Em seguida, fui trabalhar também. Mamãe ficou sem a companhia para buscar lenha pelas manhãs. Mas o João voltou de Pará de Minas e agora ele tinha outra profissão. Ele era armador (trabalho com ferragem) e a vida continuava. Nós tínhamos um vizinho do outro lado da Praça Bariri que tocava clarineta o domingo todo. Este era do grupo de tocadores do João e eu fui crescendo e aproveitando as festas com o meu irmão.

Na Colônia Afonso Pena, nós moramos em muitas casas. Todas eu gostava. Mas só que a nossa casa estava sempre mais vazia, porque a Maria casou também. Então, era eu, mamãe, o João. Lá a nossa Paróquia era Santo Antônio, na Contorno, mas fizeram uma capela em uma casa, onde o padre Agnaldo celebrava missa aos domingos e a missa em latim e era dialogada. Saudoso padre Agnaldo, que tanto bem nos fez.

Na Colônia tinha o Nonô que enfeitava nossas tardes de domingo, com seu instrumento de sopro, e morava do outro lado da Praça Bariri, que não sei se já tem outro nome. Graças a Deus, nunca vi briga em nossa casa, sempre tive uns vizinhos que gostavam de música e intercalavam a minha vida, eu era feliz e alegre, e isto me ajudou a formar minha estrutura. Hoje, consola-me muito o som dos discos e dos CDs. Na verdade, da televisão eu não gosto muito.

Eu já era da Pia União das Filhas de Maria e nas missas, festas, coroações, a

gente ajudava muito. E eram muito animadas. As meninas e eu ensaiávamos para coroar. Lúcia, Sônia e outras cantavam muito bem, porque as irmãs de Lúcia eram bem pequenas ainda. Estas festas eram feitas do lado de fora da capela, para mim era muito alegre e emocionante.

Também nesta época, fui catequista, e o nosso grupo de catequistas, era muito bom. Por exemplo, Naily, Maristela, Aidê e outras. Eu tinha um aluno muito engraçadinho, que se chamava Tarcísio, era inteligente e legal, e era irmãozinho de Aidê, esta que se casou com o Astero. Por este motivo, sempre dizia que quando tivesse um filho chamaria Tarcísio. Mas a primeira foi a Maria Inez. Minha sogra, sugeriu o nome de Auxiliadora, mas eu já tinha escolhido Maria Inez, por causa de Santa Inez que é padroeira das filhas de Maria.

Lembro de algumas poucas coisas do tempo das sobrinhas e especialmente de Lúcia, que neste tempo era maiorzinha. Com nossa mudança para o Parque Jardim (hoje, Vera Cruz), a Lica também resolveu a mudar da Vila tão querida. Ela e nós sentimos muitas saudades de lá, pois já tinha algum tempo que moramos em lugar tão bom. Então o Manoel construiu uma casa bem boazinha no Taquaril.

Lúcia estava no 4º ano primário e era muito longe e deserta a estrada para ela. Combinamos que ela sairia de casa com o pai, mais ou menos 05:30 ou 06:00 horas da manhã, porque ele pegava serviço às 07:00 horas na obra da Pompéia. Ela saía com o pai, passava pela nossa casa na rua Leopoldo Gomes, esperava a hora certa de ir para a aula. Acho que era na Abadia. Que sacrifício ela fez, e como será que ficava aquele coraçãozinho de sua mãe, sabendo que ela teria que voltar sozinha? – Só Deus sabe.

Ela era superinteligente, muito clara e corada com aqueles cabelos loiros e grandes, nunca se arrumava sem colocar fita no cabelo. Mas nossa preocupação era enorme, porque esta estrada do Taquaril, era muito deserta e ela não tinha nem uma colega. Esta estrada que agora deve ser linha de ônibus tinha cerca de arame dos dois lados e o resto era só mato. Eu sempre alertava para não dar papo para ninguém, e ir bem depressa, porque sua mãe não podia encontrar com ela, porque não tinha quem tomasse conta da Dalva, Cleuza e Conceição que eram pequenas. Mas graças a Deus, nunca aconteceu nada. Ela chegava em casa muito vermelha de tanto andar no sol.

Esta casa, não sei se foi negociada, e eles mudaram para mais perto, um lugar que chamava Volta da Ferradura. Aí, tudo foi melhor. Porque neste tempo, as pessoas se mudavam para onde arranjavam serviço. As conduções não eram fáceis como hoje. Depois disso, eles mudaram para perto de nós, na Rua Leopoldo Gomes. Foi quando chegou a Dorinha, que eu e Geraldo batizamos. Aí, a gente já era noivo, e daí eles foram para o Santa Lúcia e as meninas já eram moças.

Vou falar da satisfação da Lica, quando o padre Agnaldo, mandou construir casas boas, em forma de conjuntos habitacionais, e estas casas foram vendidas mobiliadas, confortáveis e com preço favorável.

Tive a oportunidade de ver minha irmã dizer várias vezes, que sentia um prazer enorme quando via as filhas saírem uniformizadas para o trabalho, mas falava, pena que não as verei muito. Falava-me sempre que comprava acessórios para casa ou alguma coisa bonita, pois a casa ficou bonita e aconchegante.

Devemos muitas obrigações às irmãs do Mosteiro, porque elas deram muito apoio a estas meninas, ensinando trabalhos manuais e ensinando tudo de bom que elas todas têm e até conservam. Que Deus na sua infinita bondade possa recompensá-las aqui ou na outra vida.

Alguma coisa sobre nossa casa

Esqueci-me de dizer sobre uma casinha que ganhamos para morar lá no Onça, hoje Ribeiro de Abreu. Nessas alturas o João já era pedreiro e até mestre de obras. Ele pegou uma casa chique na beira da rodovia para construir. E o dono que se chamava Senhor Juquinha, ofereceu-nos casa para morar em seu terreno. Nesta época eu devia ter meus dezesseis ou dezessete anos, éramos só três em casa. Vou contar como era esta casinha, que eu tanto gostava. Acho que tudo para mim era completo, porque eu estava com minha mãe e meu irmão. Isto foi antes da mudança para a Colônia Afonso Pena.

Era uma casa de quatro cômodos bem-feitinha, mas tinha um terreiro mais ou menos de quatro metros de largura, um barranco bem alto e depois era mata fechada. Mas eu não me preocupava com nada. Trabalhava uns tempos,

quando cansava ficava em casa com mamãe. A casa era gostosa, nós tínhamos poucos móveis e era arrumadinha, fogão de lenha e abaixo do terreiro da cozinha uma água boa de uma bica. O João podia ir almoçar em casa, porque não era muito longe, podia ser uns seis quarteirões e da estrada via-se esta casinha encostada na mata.

Só que quando ele ia na casa da namorada, que era uma morena bonita, que se chamava Benedita, eu e mamãe íamos com ele e o esperávamos na casa de Dindinha, que morava num lugar mais povoado. Quando ele saía de lá, iam os três para a tal casa e que nós gostávamos muito e de dia não fazia medo.

Voltemos um pouco atrás para contar da nossa ida para o Vera Cruz. O João já era casado e nós sempre moramos juntos. Mamãe também tinha adoração por ele. E eu ajudava também nas despesas, quando arranjava um emprego melhorzinho. Foi nesta época mais ou menos que morávamos na Rua Conde Linhares. Eu tinha um namorado, filho de italiano, que tinha o apelido de Lulu, se chamava Luiz Zanone. Era claro de olhos azuis, mas não dava muito certo o namoro, e eu não gostava muito dele, mesmo pela distância que eu morava. Ele era muito bobo, mas era loiro de olhos azuis. Parecia que era de família mais ou menos bem rica. O pai era italiano. Mas D. Pequetita, mãe da ex-namorada de Geraldo, mudou-se para o Padre Eustáquio.

A ida para o Vera Cruz foi por meio de inscrições para casa popular. A casa era boa, com um quarto grande, sala grande, cozinha, banheiro, alpendre e área de serviço. Eu continuei como catequista na Capela de Santa Luzia (hoje Vila Paraíso), Santa Efigênia, já trabalhava no laboratório e frequentei a Pia União lá também na igreja da Pompéia. Despedi da Pia União na hora do meu casamento. Todos disseram que foi muito bonito, inclusive minha sogra, que era uma mãe para mim, achou lindo o casamento. Fizemos uma grande festa que foi até 03:00 horas da manhã, e quem tocava era Senhor Aristides, pai de Maria do Juca, que ao terminar, levou-nos de caminhão até a nossa casa, perto da Rua Pará de Minas, onde passa hoje a BR.

Minha vida sempre foi intercalada pela música, em várias fases desde criança e agora é sempre a boa música que me consola. Hoje também tenho o prazer de sentir que nada me falta, depois de tanta luta, peço a Deus que não deixe faltar nada para todos os meus familiares.

Um belo domingo, que não tinha nada para fazer, eu, o João e Alice, resolvemos visitar esta família que foi morar na rua Bonaparte. Mas esta menina já tinha terminado o namoro com Geraldo, mas ainda gostava dele e a família era amiga. Ela já era noiva de um rapaz que se chamava Manoel e tinha apelido de Manoel lobisomem. Tudo bem, depois da visita na rua Bonaparte, eles resolveram passar em casa do Pedro Zeca, seus amigos e conterrâneos. Neste dia, Geraldo foi até a nossa casa conversando comigo e eu dei o fora no loiro de olhos azuis para namorar um moreno de olhos verdes, bonito e delicado e de uma educação fora de série. Assim continuamos o nosso romance até quarenta e seis anos de casados. Deu-me filhos maravilhosos, muitas alegrias e felicidades.

Mas ele não me deixou só, porque primeiro Deus e a Virgem e depois meus filhos, genros, noras, netos, sobrinhos, familiares nossos, que todos estes são preciosidades para mim. Eu o agradeço por tudo, peço perdoar-me alguma falta, e peço a Deus que ele possa ser feliz eternamente na companhia do nosso Mauro e todos os nossos entes queridos que lá estão.

Agradeço a Deus por todos estes anos de felicidades.

Meus pais

Mamãe falava que a noite tinha que descansar na rede, para depois dormir, pois trabalhava muito. Meu pai era alto, bem encorpado, meio careca e era claro e muito calado, só conversava o mais necessário. Andava descalço ou com chinelos feitos por ele, aproveitava pedaços de pneu. Ainda me lembro dos seus chinelos. Tirou fotografia só uma vez, por ocasião de eleição. Gostava de uma pinguinha, mas era muito bom para nós, e a gente o respeitava muito. Meu Deus, obrigada por este bom pai.

Como eram meus cunhados

Manoel era trabalhador, bem moreno e gostava muito de cantar as músicas do Nordeste, eram sempre músicas com letras tristonhas. Gostava muito de dançar e ter tudo direitinho para a família.

Antônio me considerava como afilhada e a distração dele era à pesca e à caça. Era trabalhador apesar de não ter bastante saúde. Ele era protestante e muito fervoroso.

José Bonifácio era carteiro e muito bom também. Era bem moreno e muito amigo e simpático.

Também hoje, a nossa casa está vazia, mas tenho meus filhos maravilhosos que cuidam bem de mim. Além disso, tenho genros, noras e netos de primeira qualidade. Não me sinto sozinha, nem desamparada. Agradeço a Deus pelo bom esposo que ele me deu, e por meus filhos, minhas filhas, meus genros, noras e netos que são pessoas maravilhosas.

Agradeço as pessoas de família que sempre lembram dos mais velhos, e gostam de proporcionar estes encontros. Peço a Deus que a nossa família continue muito unida e seja abençoada.

Agradecemos a Deus por ter-nos dado este pessoal tão bom. Quero lembrar também destes novos casais que vão se formando, que Deus os abençoe.

Agradeço a Alice de coração tudo de bom que ela fez e sempre faz por nós. Ela também é considerada nossa irmã. Obrigada por tudo.

Casamento dos meus pais e como se conheceram

Me falaram que o meu pai era nascido em Itapecerica. Andava vendendo miudezas a cavalo, ele e um companheiro que se chamava Beijo, que mais tarde foi convidado para ser padrinho de um dos filhos. O filho deste casal ficou sendo Bispo Dom Alexandre, no qual mamãe falava sempre com entusiasmo.

Nestas andanças de papai, ele conheceu minha mãe nos branquinhos e a pediu em casamento, mas avisou-a que sofria do coração e era mais velho quatorze anos. Mamãe não ligou e tinha adoração por ele. Daí nasceram meus irmãos e eu nasci depois que morávamos no terreno dos Pilões, onde papai era agregado. O dono se chamava Senhor Chiquinho dos Pilões.

A vida no rancho

Eu devia ter os meus seis anos mais ou menos. Desta idade é que trago as primeiras lembranças. A vida no rancho era boa e muito farta, graças ao trabalho pesado da mamãe e do papai. O rancho era coberto de capim, com cozinha, quarto do casal, e um quarto bem comprido que servia de despensa e quarto das moças e do João também.

Pelo lado de fora, na lateral deste quarto, havia uma grande árvore de Murici. Uma fruta bem pequena, mas gostosa, tipo gabirola, e era na sua sombra e nos seus galhos, que eu gostava de brincar. Saindo do terreiro descendo a uns 200 metros, estava a mina com uma bica d'água, onde mãe passava horas preparando dobradinha para vender e outras coisas mais.

Quando surgiu algum dinheiro, meus pais construíram uma sala de tijolos e coberta de telhas. Nesta época me lembro que o João foi dormir na sala. Em volta do terreiro da sala existiam muitas bananeiras grandes e que davam sombra, onde eu e minha colega que tinha o mesmo nome, só que era maior e bem escurinha, passávamos horas e horas brincando de casinha.

Meus brinquedos preferidos: casinha e armazém.

Eu era uma criança muito feliz e descontraída. Só sentia muito nervosa no tempo das queimadas, porque tinha medo de pegar fogo na casa. Chegava a me sentir mal e ter dor de barriga, quando via meus pais jogando água no telhado de capim.

Lembro-me que minha mãe pôs nas minhas mãos, o maior tesouro aos quatro anos. Foi a devoção a Nossa Senhora das Neves. Era com prazer que ela me arrumava para coroar a Virgem. A minha felicidade era tão grande que não sei explicar. Agradeço a ela de todo meu coração por isto. Quando hoje, tantas mães não valorizam mais esta devoção. Obrigada, querida mãe, porque a Senhora deu-me o que há de mais valor no mundo. Certamente, já deverá ter recebido a sua coroa de glória como recompensa.

*“Eu venho, oh, Maria
Vos oferecer
Humilde coroa
Queira receber”*

Era só o que sabia cantar. Estas nossas bananeiras, mais tarde, serviram para os presos formarem mesas nas suas sombras e descansar e tomar suas refeições.

Mas nesta sala nova, é que se reuniam os amigos da família. Sempre dentro do maior respeito. Levavam violões e cantavam as mais lindas canções acompanhadas pelo cavaquinho do João. Eram normalmente os namorados das minhas irmãs ou guardas da penitenciária, que iam daqui e não tinham outras pessoas amigas lá, nem família.

Sentia muita alegria e andava de bem com a vida. Éramos todos muito felizes, embora tendo só as coisas de primeira necessidade. Uma vida simples e gostosa. No aconchego familiar, a coisa é de maior valor.

As principais canções que cantavam:

- Acorda Patativa
- Eu sempre fui feliz
- Fascinação
- Pequeninha Cruz
- Última Estrofe
- Noite cheia de estrelas

Além de outras melodias bonitinhas e alegres. Eu era pequena, mas já delirava com o violão.

Os presos também sempre se comportaram como amigos nossos e muitos respeitosa e gentilmente. Davam sempre alguma lembrancinha e pediam favores.

Por este tempo, ganhei a primeira boneca, a não ser as de pano. Era uma boneca de celuloide e vestida de penas coloridas. Fiquei feliz demais. Mais ou

menos nesta época, foi o casamento de Dindinha com Antônio. A Lica já tinha mudado para São Paulo novamente com o Manoel e Dindinha foi morar em sua casa, perto do rancho. Era casa de tijolos, coberta de telhas, sala, quarto, cozinha e dispensa. Para os fundos, tinha terra de arrozal, era brejo, onde Antônio estaria sempre com a espingarda para caçar passarinhos. Ali, eles ganharam o Tatá e Cici antes de vir para Belô, e eu os carregava no colo.

Mudança para o Arraial

Quando plantaram todo o terreno, nós fomos informados que íamos para o arraial. Mamãe nunca reclamou, mas eu suponho que ela deve ter sentido muita tristeza, pois ali, já não tinha condições para todo trabalho.

Era uma casa de quatro cômodos, água de cisterna e no meio dos vizinhos. Eu já estava com nove anos. O jeito mais fácil foi lavar roupa para aquelas famílias mais bem de vida. Eu ia com ela para ajudar até a hora de voltar para almoçar e ir para a aula. Minha professora era D. Alice, protestante, mas ótima professora. Aí, também ganhei uma afilhada de nome Geralda.

Quando mudamos para Belo Horizonte, eu estava com dez anos. Fomos morar no Bonserá da Olaria, onde meu cunhado trabalhava. Que lugar gostoso. Ali, eu ganhei a segunda afilhada que era Marília Diva, e frequentava o catecismo da cidade Ozanam e o grupo também, segundo ano. Eu admirava as aulas de catequese que eram dadas ou por irmãos ou um soldado que colaborava. Que pena, hoje ninguém liga para catecismo.

Lá morava uma família no Bonserá, que a dona da casa era D. Faustina, e tinha dois rapazes e uma moça muito alegre (Lourdes). Um rapaz de nome Tininho também tocava violão todas as tardes de domingos e feriados e eu ficava da nossa casa, curtindo o violão. Não via o dia passar. O irmão dele chamava-se Carioca. Ele cantava um sambinha:

*“Vai, vai, vai cumprir o seu fado, oh mulher
Vai, vai que eu espero um resultado qualquer
Não terei arrependimento se tu com outro for feliz
Mas se você passar tormento não foi pelo que lhe fiz.*

*Embora sofrendo horrores
Queres viver no apogeu
Cheia de admiradores
Pois o prazer é todo meu. ”*

Enquanto moramos na Brasilina, o João entrou para a Congregação Mariana, a convite de um amigo e nas procissões, quando ele se uniformizava com a (opa) e ajudava a organizar a procissão, minha mãe ficava feliz e emocionada demais.

Vimos para Belo Horizonte em 1940, em 1942 mudamos para Colônia Afonso Pena (hoje Sagrada Família). Em 1941 eu fazia o terceiro ano de grupo no Flávio dos Santos (Vila Concórdia). Minha mãe trabalhava no H.S.F. e a Maria também, antes de ir para o S. Lucas. Depois da morte de meu pai, fomos para Vila Afonso Pena (antiga Colônia Afonso Pena).

Depois de um ano que meu pai morreu, nós morávamos na Colônia Afonso Pena, e eu estava no quarto ano. Minha irmã ficou muito doente, internou na S. Casa, mesmo antes de tirar o luto, e sempre piorava. Ela dizia quero ir para casa, porque Dindinha estava morando perto e ela era apaixonada com os sobrinhos. (Lá deve estar um céu aberto), dizia. Dizia quero também tirar o luto. Mas o céu aberto que a esperava era o céu de verdade. E descansou na noite do dia 11 de agosto, de 1942. Sofremos demais. Noite que Neli nascia e Lúcia estava para chegar, e eu receberia o meu diploma de grupo naqueles dias.

Com a morte de minha irmã, ficamos só eu, o João e minha mãe. Mamãe sofreu demais com este acontecimento. Uma vez por semana, a Maria nos visitava, mas o tempo e a fé em Deus foi curando a ferida, e ela que era forte, superou mais esta dificuldade. Neste tempo, a Maria trabalhava no S. Lucas e só folgava dia de quarta-feira.

Sempre fui ajudando minha mãe da melhor maneira possível, mas desta vez não estava mais no grupo, precisei trabalhar fora. Mais sozinha, minha mãezinha ficou. Não me lembro de vê-la reclamar nada. Era mesmo uma santa. Na Colônia, moramos em mais três lugares, até que surgiram inscrições para

casas populares no Parque Jardim. O João se inscreveu e neste tempo já era casado.

Eu tinha começado a namorar Geraldo quando mudamos para a casa novinha do Parque Jardim, hoje Parque Vera Cruz. Alice já morava conosco e a casa era mais alegre com toda bondade dela. O que agradeço muito a ela, a Deus, ter uma cunhada tão boa.

Mudança para o Parque Jardim

Moramos também na rua Conde Linhares e justo nesta época a Maria casou-se e o João também, mas ele nunca nos deixou sozinhas. Ficou conhecendo Alice e casou, trouxe-a para morar conosco. Nasceu Silvinho o primeiro filho e a vida ia passando bem boazinha, mas com pobreza. Pouco depois de casado, o João foi trabalhar na Bahia, pessimamente empregado, e eu trabalhava na Balas Esporte, rua Guarani. Por lá o João largou sua saúde, pois trabalhava dentro do rio e a noite torcia a roupa para vestir no dia seguinte, e Alice ficou conosco, sempre muito boa e aceitando tudo com humildade e muito amiga.

Escrevíamos várias cartas para o João, e ele sempre dizia que não estava bom. Veio-me a ideia de pedir para ele voltar de vez, falei na carta que eu ia ajudar com meu pequeno ordenado. Ele voltou com problemas de saúde que depois ficariam mais sérios.

Tivemos a feliz notícia das casas populares do Parque Jardim. Imediatamente ele fez a inscrição e recebemos a casa com dois quartos, sala, cozinha, banheiro, área de tanque e alpendre. Eu já tinha começado a namorar o meu príncipe encantado. Fomos felizes e nesta casa eu me casei.

Mamãe era feliz, apesar da situação precária e ficava sempre comigo, até que adoeceu. Ainda tive a felicidade de olhá-la cinco anos. Morreu comigo na cabeceira de sua cama rezando. É santa no céu.

Nesta separação de mamãe, eu tinha cinco filhos, Lelena com três anos, Dinho com um ano, Tarcísio, Zizi e Marcos. Tudo corria bem, todos com muita saúde e a casa cheia de amigos e parentes, inclusive, Lúcia, Rosinha, Eni e Neli. Geraldo resolveu deixar o emprego e trabalhar por conta própria. Transcorreu

mais ou menos com muito serviço para ele e para mim, pois eu o ajudava a costurar plástico, cuidava da comida dos empregados, o café, etc. Faliu e fomos passar trabalhos novamente, mas agora tínhamos que vender tudo e ele empregar-se de novo. Fomos para Santa Inês, ninguém gostava de lá. Mas tudo é passageiro e fácil de tolerar, quando se tem amor e paz na família, segurança, diálogo e respeito.

O trabalho pesado e que consideramos o máximo e sem explicação, nem consolo, é doença e morte na família. Nada consola, nada está bom, nada alegre. Mas com a proteção de Deus e Nossa Senhora e o tempo, a gente consegue sobreviver. Com tanta misericórdia do Pai e da Mãe do céu, a gente vai caminhando sem ficar doida e consegue carregar a cruz que nos é designada. São os desígnios de Deus, são os seus mistérios que não podem ser mudados, nem entendidos.

Eu e meu pai

Meu pai era de pouca conversa, mas muito bom e carinhoso. Todas às vezes que íamos às compras, não sei se o dinheiro não dava ou ele ficava sem paciência de comprar doces, é que eu mais gostava. Então quando chegava em casa, ele dizia para minha mãe: - Dá para ela um pouco de açúcar Maria. Que simplicidade de vida, mas eu ficava feliz do mesmo jeito. Hoje existe mais dinheiro, mas são tantas exigências, que acho que não daria conta de criar filhos nesta época. E graças a Deus, todos os pais de nossa família ter este poder aquisitivo.

Papai era um homem honrado e respeitado por todos, tinha o hábito de tomar um golinho quando voltava do trabalho, que era muito pesado. Deitava cedo e não reclamava de nada. Não tinha medo nem do orvalho dos trilhos, nem do calor, era corajoso e forte. Tinha adoração pela minha mãe, que os amigos diziam que ela se pareceria com Santa Terezinha quando mais nova.

Eu não me lembro de ouvir dos dois, nem grosserias, nem palavrão. Minha infância foi muito boa e sendo caçula era muito bajulada por todos. Um dia na hora de deitar, ele confundiu soda cáustica com açúcar, devia estar meio sonolento, jogou um punhado de farinha de mandioca na boca e outro punhado de soda cáustica. A farinha protegeu um pouco, mas os dentes ficaram pretos nas raízes e caíram todos.

Quando viemos para Belo Horizonte já não tinha serviço de roça e ele estava com sessenta e um anos. O seu serviço era cortar varinha para secar e servir de lenha, ou pegar algum biscate. Então pegou uma fossa para furar, lá para o alto, que agora deve ser Sagrada Família. Nossa rua era Genoveva, começava na beirada do córrego que hoje é Silviano Brandão, Genoveva de Souza com rua Macuco.

Fui com minha mãe levar o seu almoço, aí, ele já estava com sessenta e três anos. Enquanto almoçava disse que a terra estava muito dura e que ia colocar água para amaciar. Ao voltar para continuar o trabalho, começou a sentir forte dor de cabeça e chegou aflito para deitar, não banhou nem os pés, conforme era o costume. Deitou rápido e ficou falando enrolado. Chamamos um médico da rua Jacuí, que ele sempre trabalhava para ele. Era derrame fortíssimo. No dia seguinte, não falava, nem mexia, só olhava. Nesta época, Tatá tinha uns cinco anos e pedia benção várias vezes na beirada da cama, ele só olhava. Isto foi no segundo dia. No terceiro dia, entrou em coma e faleceu. Eu com doze anos assisti tudo que aconteceu. O João tomou conta de tudo com bondade e carinho.

Lá se foi o meu pai tão bom, para morar na casa de Deus, em outra dimensão. Mas ele deixou raízes profundas, bem cuidadas e fortalecidas pela fé. E hoje, eu agradeço a ele e a Deus pela família maravilhosa que temos. Todos os nossos filhos são equilibrados e bem estruturados, pessoas que acreditam nas dádivas do Nosso Pai do céu e Nossa Mãe Maria Santíssima.

*De Tia, Vó Alzira Maria dos Santos
Belo Horizonte, 02/06/1999*

História da Família Basílio

Por Lúcia Miranda, filha da Tia Lica

O começo da história

Esta história começou no final do século dezenove, quando Manoel nasceu, lá no Nordeste, no agreste de Pernambuco, quase divisa com o Ceará. Sua família era proprietária de muita terra, mas vivia com toda simplicidade. Manoel, filho do segundo casamento de sua mãe, era dos irmãos mais novos e cresceu feliz, adorado pelas irmãs (depoimento delas, mais de sessenta anos mais tarde). O único problema era a seca que castigava sempre. Um dia, já rapaz, depois de mais um “verão” rigoroso, ele tomou a decisão que iria mudar sua vida. Iria para São Paulo, tentar conquistar uma vida melhor. Juntamente com alguns amigos, partiu, deixando atrás de si lágrimas doloridas. Em São Paulo, mais uma decepção. Manoel só tinha estudado o suficiente para ler e escrever com dificuldade. Não havia trabalho, principalmente para aqueles nordestinos que só sabiam lavrar a terra, cuidar de gado. Era final da década de 20 e a crise era mundial. Depois de esgotar as parcas economias, resolveram que o melhor era enterrar o sonho e voltar para casa. Já no caminho de volta, o vapor no qual viajavam pelo São Francisco cruzou com outro onde encontrou amigos indo em sentido contrário. Estes lhes disseram que estavam indo para Minas Gerais, onde a construção de uma grande cadeia estava dando emprego para muita gente. Manoel, com as energias renovadas, mandou recado para casa dizendo que tinha decidido ir tentar a sorte em Minas. Desta vez haveria de dar certo. E foi a última carta que escreveu para casa, último de qualquer contato que jamais voltou a fazer até o final de sua vida.

Enquanto isto, em Minas Gerais uma outra família, lutava bravamente pela sobrevivência. Seu Getúlio e Dona Maria trabalhavam na roça, plantando à meia para os fazendeiros da região. Apesar da extrema pobreza, aquela era uma família unida e feliz. Um dia vieram dar pros lados de Ribeirão das Neves, bem perto de onde se construiria, mais tarde a Penitenciária de Neves. E foi assim que a segunda filha, de nome Maria José, mais conhecida por todos como Lica, de pele clara e longos cabelos negros, veio a conhecer o nordestino Manoel. Os nordestinos formavam uma turma alegre, que gostava muito de cantar, e logo encantaram as mocinhas da região. Lica tinha 16 anos quando

conheceu Manoel e antes que completasse 17 anos os dois já estavam casados.

Foram tempos extremamente difíceis. O dinheiro era muito pouco e Lica tinha uma saúde delicada, carecia de cuidados médicos inacessíveis para os mais pobres. Os filhos foram chegando e morrendo ainda em tenra idade (ela perdeu os cinco primeiros). Tentando conseguir uma vida melhor, talvez porque o serviço na Penitenciária estivesse acabando, Manoel deixou a esposa e foi para São Paulo, desta vez para o interior para exercer a profissão de lenhador. Lica, que já perdera dois filhos, ficou com o terceiro que ainda não tinha completado o primeiro ano. Depois de um longo período sem notícias chegou aquela que ninguém esperava: Manoel havia morrido.

Segundo sua irmã mais nova, Alzira, Lica chorou como louca, vestiu luto, tornou-se sombria e medrosa de tudo. Talvez tenha sido salva pelo ato de ter um filho para cuidar, o que fazia, certamente, contando com a ajuda de sua família. Depois de vários meses, uma surpresa. Uma carta de Manoel desfez o equívoco. Ele estava vivo e pedia-lhe que, se quisesse vê-lo, viesse para Belo Horizonte, onde ele chegaria no dia tal. Lica ganhou alma nova. Na data marcada veio para a capital, encontrou seu amor e logo depois viajou com ele e o filhinho Noé para São Paulo. Foram dias de muita luta, muito sofrimento. Moravam em cabanas isoladas, no meio da floresta e o único meio de transporte era o trolley, que utilizava as linhas do trem. Lica contava que, devido à umidade, escorria a água da garoa pelas paredes do rancho. Ela vivia doente, e o filhinho Noé também adoeceu e morreu. Lá ela teve mais dois filhos, que também não sobreviveram.

Finalmente voltaram para Minas, indo viver em Belo Horizonte. E foi aí que eu entrei nesta estória. Fui “encomendada” em Belo Horizonte, mas quando chegou a hora do nascimento, minha mãe foi para Ribeirão das Neves. Só voltou quando eu já tinha dois meses. Eu era a sexta filha mas fiquei no lugar de mais velha. Contam que o medo de que eu morresse era tanto que uma simples dor de barriga deixava toda a família alarmada.

As mais antigas lembranças

Minhas lembranças mais antigas são da “Colônia Afonso Pena”, depois bairro Coração de Jesus. Um barracão de aluguel, com três cômodos, pintado de rosa, na rua Perdigão Malheiros, esquina com Donato da Fonseca. No fundo do terreno, uma cisterna, sombreada por uma gigantesca mangueira que dava deliciosas mangas sapatinha. Deve ser das primeiras frutas que comi, colhidas ou caídas do pé e a paixão perdura até hoje. Adoro mangas. Mamãe lavava roupa “pra fora”, e se reunia com as amigas, trabalhando, conversando e cantando ao pé da cisterna, enquanto eu e as outras crianças brincávamos ao redor. As donas das roupas que mamãe lavava, moravam no bairro de Lourdes, Santo Antônio ou até no Centro. Lembro-me de ir com ela entregar a roupa lavada e, numa época quase sem transporte coletivo, devíamos caminhar mais de uma légua entre ida e volta. Mamãe era muito asseada, muito cuidadosa ao trajar e de muito bom gosto. Lembro-me dela vestindo um conjunto de saia e casaco, estampado em tons suaves, que eu achava lindo. O certo é que eu a considerava muito bonita e elegante.

Nesta época, meu pai já passara de servente a pedreiro, profissão que executou até o fim da vida, diga-se de passagem, com extrema competência. Naquele período, meus pais eram pobres, mas era uma pobreza razoável para os padrões da comunidade em que viviam, creio mesmo que foi a época de melhor situação financeira em comparação com a que se seguiu. Eles eram respeitados e bem-conceituados por toda a vizinhança, inclusive pelos “mais abonados”, como os comerciantes locais, por exemplo, o casal Joaquim e Gercina, donos da única padaria das redondezas e que vieram a se tornar compadres de meus pais, dando-se a batizar respectivos filhos (foram padrinhos de minha irmã Cleusa).

Por quatro anos fui a única filha, o que deve ter-me dado um início de vida bem paparicado. Depois que completei quatro anos, chegou minha irmã Dalva Maria. No ano seguinte, Cleusa Maria, no outro Maria da Conceição (tudo Maria, por devoção a Nossa Senhora, ou talvez pela necessidade de contar com a ajuda dos céus). E daí por diante, foi um filho por ano, até completar quatorze. Controle de natalidade era uma palavra inexistente. Os filhos eram “mandados por Deus” e aos pais, só cabia cuidar deles.

Cada gravidez era tratada como um grande segredo. A gente via a barriga da mãe crescendo, os palitozinhos, sapatinhos, toucas, cueiros, fraldas e paninhos sendo feitos e lavados, a movimentação do dia do parto (com parteira e tudo) e dos dias seguintes, a barriga sumindo e tinha que fazer de conta que acreditava que a cegonha tinha trazido um irmãozinho. Este mistério (da estreita relação entre barriga da mãe crescendo, criança chegando e barriga diminuindo) desvendei cedo, embora fosse forçada a continuar fingindo nada saber. Mas o de como os bebês iam parar na barriga da mãe, este perdurou até que eu completasse 12 anos e só vim a aprender na rua.

Lembro-me também de ouvia o barulho que indicava a aproximação do congado, meu pai me punha no colo e íamos correndo para ver. Eu adorava e até hoje não posso ver nada ligado ao tema sem me lembrar daquela emoção.

Esqueci de mencionar os meus padrinhos de batizado: Messias e Julieta. Messias era conterrâneo de papai e namorava Julieta, mocinha de Neves, quando me batizaram. Mas o namoro não deu em casamento talvez por que ele foi para São Paulo e ela acabou se casando com Alonso. Nunca conheci meu padrinho, e sinto pena por isso. Mas Julieta e Alonso estiveram presentes naqueles primeiros anos, de modo especial no Natal, pois me lembro de receber deles algum presentinho, como pacotinhos de doces e alguma moedinha. Depois, perdemos o contato e só reencontrei minha madrinha em seu velório, décadas depois. Ela morrera ao tentar retirar o papagaio de uma criança preso a um fio de alta tensão que passava nos fundos de sua casa em Ribeirão das Neves.

Leite de cabra

Naquela época não havia leite empacotado, nem mesmo o engarrafado que sucedeu a fase das “vaquinhas”. Estas eram um veículo pequeno, com um grande recipiente na traseira, que percorria os bairros e vilas e vendia o leite que cada pessoa buscava em leiteiras ou em panelas ou latas. Mais tarde veio a moda do leite em garrafas. O comprador levava o litro vazio e voltava com um cheio. Mas o meu tempo de menina foi anterior a todos estes. Desde sempre me lembro de que em minha casa havia cabras, pelo menos duas ou três, além de suas crias. Eu e minhas irmãs fomos criadas com o leite delas e

embora eu achasse o gosto dele um pouco enjoativo, não tinha alternativa. Tinha que bebê-lo. As cabras eram levadas para o pasto pela manhã, após a ordenha e recolhidas a presas à tardinha. Ficavam no cercado ou amarrada e, para evitar que o cabritinho mamasse durante a noite, mamãe costurava um “inbornalzinho”, de algodão que era amarrado em suas bocas, presos com alças no pescoço.

A loura e a morena

Dalva, morena e miudinha, teve saúde frágil desde o nascimento. Era muito mexedeira e por duas vezes despejou, primeiro leite, depois água fervendo sobre si mesma provocando uma feia queimadura em cada braço. Além disto teve um sério problema no ouvido, que vivia infeccionado. Quando teve coqueluche, ensinaram a mamãe que era bom tomar o sereno da madrugada. Como não havia eletricidade na rua, papai acendia um lampião de carbureto (ô cheiro desgraçado) e saía às quatro da manhã andando pelas ruas da vila. E pergunta quem ia com ele? Eu mesma com meus quatro ou cinco anos de idade, não obrigada, mas por amor à aventura e me sentindo muito útil, pois alguém teria que segurar o lampião.

Já Cleusa, era totalmente diferente, pelo menos no físico. Nasceu com a pele muito alva, com lindos cachos que de tão louros pareciam brancos. Certamente por despeito e inveja de criatura tão mimosa, foi alvo, desde cedo das nossas críticas e de apelidos irônicos como, por exemplo, macarrão da Santa Casa, torresmo, etc. Também o fato de ter como padrinhos o casal Joaquim e Gercina, melhor de vida que os demais padrinhos, dava-lhe um status que nos incomodava. Lembro-me como se fosse hoje, do dia do batizado. Depois da cerimônia na Igreja de Santo Antônio, as famílias se reuniram na casa de vovó, um barracão que ficava no alto da Rua Conde Linhares. Naquelas reuniões nunca podia faltar o arroz-doce, que era servido junto com doce de leite ou de mamão ralado. Enquanto os adultos conversavam, as crianças corriam lá fora, inventando tudo quanto era brincadeira.

Nos anos seguintes, volta e meia eles, os padrinhos mandavam-lhe um lindo vestido de tafetá e a nossa inveja da pele alva, dos cachos dourados e dos vestidos nos fazia infernizar a vida da pobrezinha.

Mês de Maria – as coroações

Recordação das mais lindas e prazerosas que guardo de minha infância foram as coroações de Nossa Senhora no mês de maio. Eram dias e noites de pura magia, de extrema felicidade.

Minha tia Alzira, que era jovem e linda e me amava demais (como eu a ela até hoje), era catequista e logo cedo começou a me preparar para participar da coroação. Ensinava-me a cantar lindas melodias, inclusive as Ave Marias, que eram uma forma particular de participação daquelas que tinham a voz mais bonita. Duvido que ela fosse isenta para julgar a beleza de minha voz, o que sei é que ela sempre me preparava para cantar, ensaiava comigo vários dias e eu acabava dando conta do recado e recebendo elogios, coisa rara naquela minha vidinha pacata. Mais de um mês antes mamãe comprava o tecido, cetim rosa ou azul e levava para nossa vizinha costurar. A costureira era dona Maria do Zé Babão (sei lá o porquê do apelido do marido), que morava do outro lado da rua, umas quatro casas abaixo da nossa. Enquanto ela costurava, eu brincava no quintal com os filhos dela, debaixo de um frondoso pé de sabugueiro, do qual eram colhidos grandes ramos para perfumar o altar no dia da coroação. Finalmente, depois de mais de um mês de ensaio, chegava a grande noite. Além do vestido de cetim, havia uma coroa de flores artificiais na cabeça e, para quem podia comprar, asas feitas de penas brancas (eu era daquelas cujos pais não podiam comprar asas). O vestido era lindo, mas o frio obrigava a colocar sobre ele um agasalho, em geral feinho e velho, com o qual íamos até chegar ao local. Aí tínhamos que aguentar o frio. Mas a gente não se importava, ninguém reclamava. O altar, armado ao ar livre, em frente à capela, ficava lá no alto, ladeado por duas escadas colocadas perpendicularmente. Era objeto de preparo a tarde toda, por catequistas e familiares. Além da beleza, recendia com o perfume das inúmeras flores que o ornavam, na maioria rosas, colhidas nos jardins da vila. Ninguém perdia aquelas festas, coisa raríssima era alguém que professasse fé diferente da católica. Além disso eram festas tão sociais quanto religiosas, oportunidades para as pessoas se encontrarem e conviverem, colocar os assuntos em dia. Todos reunidos frente ao altar, depois do canto da Ave Maria, começava a coroação propriamente dita, colocando na estátua de Maria a palma, o rosário, véu e, finalmente, a coroa. Era coisa muito linda de se ver, a escadaria cheia de anjos cantando, jogando pétalas de rosa,

exercendo com entusiasmo e pureza o doce dom de ser criança. Depois de todo aquele espetáculo vinha a recompensa. Para todos os anjos, canudos ou cestinhas cheias de amêndoas, doces, balas e quitutes semelhantes, oferecidos pela família da menina que tivesse posto a coroa. Os pais voltavam a agasalhar seus anjos e retornavam para suas casas, aos grupos, conversando, dando risada. No dia seguinte todo o ritual se repetia, e assim, entre vestidos de anjo, cantos de louvor a Maria, perfume de sabugueiro e cartuchos, transcorria o mês de maio naquele tempo da minha meninice.

Mal terminava o mês de maio, já chegavam as festas juninas. Primeiro Santo Antônio, depois São João e no final do mês São Pedro e São Paulo. Rezas do terço, fogueiras, fogos de artifício, levantamento do mastro com a gravura do santo, pau de sebo, doces diversos, canjica, era coisa boa demais.

A primeira escola

Entreí para a escola com 6,5 anos, pois nasci no mês de julho. Naquele tempo, a Escola Dom José Gaspar funcionava em dois locais distintos, separados um do outro por uns 100 metros. Eram duas casas de moradia adaptadas para ser escola, localizadas num terreno entre as ruas Conde Linhares e Donato da Fonseca. Com o aumento da demanda, outra casa passou a ser utilizada, esta na esquina da Rua Conde Linhares com o espaço que veio a se tornar a Praça José Cavallini, mas que naquele tempo não passava de um brejo, cortado por um córrego, que tempos depois foi canalizado e que ia desaguar onde hoje está a movimentada avenida Prudente de Moraes. O material escolar era mínimo, um caderno Avante (que tinha na capa soldados em posição de “avante”), um lápis preto e uma borracha. Meu olfato, sentido dos mais apurados que possuo, às vezes percebe um odor que me remete àqueles dias onde o cheiro do lápis apontado e da borracha se misturava ao da merenda. E por falar em merenda, creio que eu devia levar alguma bem pobrinha pois me lembro de que tinha a maior inveja das colegas que sempre levavam sempre pão com goiabada (acho que eu levava era pão com açúcar).

Deste tempo ficou na lembrança o meu primeiro namorado, o Marcos, garoto franzino, lourinho, que sentava atrás de mim e me dizia frases como: ‘dá esta borracha para mim?’. Eu respondia que não e ele retrucava, sem a menor lógica: você é bonita! Isto era tudo, mas para os colegas que nos ouviam e para

mim a gente estava namorando. Talvez o que mais me agradasse era o fato dele dizer que eu era bonita, pois muito poucas vezes ao longo de minha vida, alguém me disse isto.

Falando sobre escola, não posso me esquecer de minha primeira professora, Dona Ana Machado, uma das minhas primeiras professoras. Solteirona, alta e forte, temida pela maioria dos alunos, ela fazia do ofício de ensinar a razão de sua vida. Embora fosse considerada brava e durona, para mim ela era pura ternura e teve papel preponderante na escolha dos caminhos de minha vida. Durante os anos seguintes, ao ver que eu parara de estudar, sempre que me encontrava ela repetia-me a mesma frase: ‘você precisa estudar Lucinha, você é muito inteligente’. Eu não acreditava muito no que ela dizia, minha auto-estima era a mais baixa possível, mas creio que suas palavras devem ter sido o diferencial que eu precisava para fazer com que minha caminhada tenha sido diferente da de outras meninas da minha idade e do meu meio social.

Muitos anos mais tarde, quando fui lhe comunicar que, vencendo todas as dificuldades, fazendo Madureza, eu passara no Vestibular da Federal e iria fazer o curso de Direito ela ficou super feliz e fez questão de me presentear-me com um dos livros exigidos pela Faculdade. Na dedicatória escreveu: “O mundo abre alas para quem sabe caminhar.”

Assombração

À noite os vizinhos iam fazer visitas, muitas vezes iam à minha casa. Todos se assentavam na cozinha para conversar iluminados pela luz da lamparina. Mamãe fazia bules de café uma grande bacia de biscoito frito. E era a hora das histórias. Cada um contava um caso e os de assombração eram os mais comuns e também os mais variados. Eu ficava dividida entre a curiosidade em ouvir o final da história e o medo de ir dormir, mas tinha uma hora em que o sono falava mais alto. Numa destas noites, depois de ouvir bastante caso de assombração, o sono venceu e fui pra cama nos braços de papai. Dei uma cochilada e acordei berrando. Pois não é que encostado na parede do quarto, iluminado pelo clarão do luar, havia um fantasma, imóvel, sem cabeça, sem pernas e de braços abertos? Todos correram para o quarto e à luz da lamparina, foi esclarecido o fato. Era o meu vestido de coroação, que a costureira tinha

entregue e mamãe colocara com as mangas feito braços abertos, num cabide de cabo de vassoura atravessado e preso num prego na parede.

Homem mais moço, jamais

Desde criança ensinaram-me que a mulher nunca deveria casar-se com homem mais novo. Esta lição era sempre exemplificada com a estória real de uma comadre de mamãe que se casou com o João, dez anos mais moço. Com o tempo, a pobreza e a dureza da vida, esta diferença pareceu triplicar, tornando-a objeto de comisseração e, pasmem-se, muda ou manifesta recriminação de todos. Comentava-se a vida boêmia do marido, suas aventuras, suas amantes, as surras que dava na esposa, e tudo isto era considerado normal de certa forma, quase uma consequência natural de seu tresloucado gesto de ter-se casado com homem tão jovem. Minha mãe era dez anos mais moça que meu pai e considerava esta diferença de bom tamanho. Não assimilei a lição. Pelo contrário, acabei casando-me com um homem mais moço. Quase três anos de diferença. Mas o fim do casamento, após 19 anos de vida em comum e 3 filhos, não teve nada a ver com a questão da idade. Os tempos já eram outros.

O salvamento

Lembro-me de um campo juncado de flores amarelas. Ficava em um terreno baldio, a uma quadra de minha casa. Toda tarde, passava por ali uma tropa de cavalos que iam não sei de onde, nem para onde. Mas o certo é que passavam. Uma destas tardes, Teresa, a moça que ajudava mamãe (que devia estar de resguardo pelo nascimento de minha irmã Cleusa) estava tomando conta da Dalva, que deveria ter um ano e estava sentadinha no carrinho de tábuas de caixote que papai fizera para ela, bem no meio da estrada, no caminho por onde passava a tropa. De repente, enquanto Tereza distraída e bem distante conversava com uma amiga, lá veio a tropa desembestada. Mamãe, que estava no portão de casa, pressentiu a tragédia e saiu gritando desesperada. Foi o tempo exato de salvar a filha que, por pouco não era esmagada sob os cascos dos cavalos. Rendeu história para contar muito tempo.

Eu já devia ter aprendido

Do lado de cima do nosso barracão havia um outro, idêntico, que era ocupado por Dona Etelvina e sua família. Dela se dizia que “não regulava bem da bola”.

Tinha três filhos: Irene, Almerinda e um rapaz a quem chamávamos “Tiziu”, talvez por ser negro como carvão. Me lembro dele conversando, brincando comigo, é das minhas mais antigas lembranças.

Minha tia Maria que trabalhava no Hospital São Lucas mandava para mim umas revistas velhas e ele me pedia uma para ler. Quando eu ‘*lha*’ entregava, ele a cortava com tesoura. Aí eu ficava brava, chorava, dizia que não lhe daria outra. Ele jurava que desta vez não a cortaria. Eu lhe dava outra e a cena se repetia até acabarem as revistas. Para ser tão ingênua, eu deveria ser bem nova. Ou talvez nem tanto, pois até hoje me acontece agir desta forma, acreditando em quem não merece e mantendo a fé nas pessoas, mesmo depois de ser enganada várias vezes.

Doeu demais

Como é que uma criança toma consciência do que seja injustiça, do que significa sofrer injustiça? Para mim foi aos onze anos de idade, quando senti esta dor pela primeira vez.

Certamente eu já protagonizara momentos onde a injustiça estivera presente. Frequentemente acontecia de sofrer um castigo imerecido, uma punição maior que a falta. Filha mais velha numa família pobre, a injustiça estava presente na obrigação de, desde muito cedo, trabalhar muito para ajudar mamãe nas tarefas do lar, a cuidar dos irmãos, sem nunca ter tempo de brincar. Dentre as mais remotas lembranças está a de uma surra memorável que ganhei de mamãe e que, depois de mais velha, considereei uma grande injustiça. Ela estava de resguardo de minha irmã Dora, logo, eu tinha 8 anos de idade. Morávamos num barracão à beira de um córrego que cortava a rua Leopoldo Gomes, no Bairro Vera Cruz. Para buscar água e lavar roupa, atravessávamos sobre as pedras (era um córrego raso, exceto quando chuvas fortes produziam enchentes caudalosas) até uma bica localizada na outra margem. Pouco acima de nossa casa, tal córrego era canalizado, passando dentro de uma grande manilha. Mamãe entregou-me uma bacia com roupinhas de neném para que eu lavasse na bica. Quando terminava meu trabalho começou a chover forte. Mais que depressa, procurei abrigo na manilha onde o córrego passava, sem pensar que, se houvesse uma enchente, o que não era raro acontecer, era uma vez uma lavadeira mirim. Em casa, minha mãe se desesperava, sem saber o que

tinha acontecido comigo, sem poder sair para me procurar, pois sair na chuva estando de “resguardo” era considerado procurar a morte, era perigoso demais, além do que ela tinha um bebê e mais três crianças para cuidar. Quando a chuva parou e cheguei muito lampeira, contando vantagem por ter escondido da chuva dentro do bueiro, ao invés de agrados e elogios ganhei uma surra de correia.

Em casa, se não estava fazendo dever da escola, tinha que buscar água na fonte, lavar vasilha, varrer a casa, cuidar dos irmãos. Nem tinha direito de ler um livro de contos de fadas emprestado pela biblioteca da escola, diga-se de passagem, um dos espaços mais maravilhosos que já encontrei em toda a minha vida, onde descobri o supremo prazer da leitura. Quando mamãe se aproximava, eu escondia o livro fino dentro do caderno e fingia que estava ainda fazendo o dever. Pobre mamãe! Ou seria pobre de mim, que no meio de tanta pobreza sonhava acordada que um dia meu padrinho (também nordestino que sumiu para São Paulo) voltaria e me traria de presente, não belos vestidos e sapatos, nem guloseimas com que pode sonhar uma criança pobre, mas duas caixas bem grandes, cheinhas de livros.

Eu bem que via que as colegas de escola, tinham vestidos bonitos, material escolar de boa qualidade e merendas gostosas. Mas, nada disto me afetava muito. Era encarado com naturalidade e não me fazia sofrer. Minha escola, Grupo Escolar José de Anchieta, era grande, imponente e importante demais na minha vida. Nunca reclamei do fato de que distasse 6 km de minha casa, aliás do meu barracão de dois cômodos, onde morava na vila Taquaril, próxima ao Bairro Saudade. Evidentemente, naquela época, eu só sabia que era longe. Muitos anos depois, voltei lá de carro, e marquei a distância. Havia uma escola mais próxima, a uns três quilômetros. Mas era uma escolinha pequena e meus pais achavam que eu devia estudar na melhor escola. Melhor, é lógico, dentro das posses deles, compatível com a pobreza da família, mas assim mesmo a melhor.

Meus pais só tinham frequentado escola o suficiente para aprender mal a ler e escrever, ou seja, menos de dois anos em escola da roça. Diziam ter o segundo ano de grupo. Mas tinham a sabedoria que não se consegue em banco de escola e davam grande importância aos estudos. Minhas mais remotas lembranças são de meu pai comprando e lendo para mim os únicos livros que

havia em minha casa e o único tipo de literatura que ele conhecia desde seus tempos de infância nordestina: a literatura de cordel, que, também, era a única acessível ao bolso dos pobres. Minha mais tenra infância foi povoada pela estória de Creusa e o Pavão Misterioso, da Luta de Zé Pretinho e do Cego Aderaldo, dentre outras.

Mas voltando à escola, eu ia com todo gosto, apesar do sacrifício. Vestido branco de fustão, cheio de pregas, laço grande de organdi engomado na cabeça, ambos lavados diariamente e passados por mamãe com ferro de brasa, eu palmilhava seis km para ir e mais seis para voltar, diariamente, quer chovesse ou fizesse um sol escaldante. Se a “precata” arrebatava as tiras, o que não era raro, pois era sempre a mais barata que fosse encontrada à venda na feira, eu seguia descalça (à noite, em casa, meu pai costurava, repregava, enquanto desse). Faltar à aula, só por motivo muitíssimo grave.

Quando, no início do ano, chegava a lista de material era um sofrimento, até conseguir comprar tudo. E olhe que naqueles idos de 50, era pouco material se comparado às listas quilométricas de hoje. Eu era a última a completar o material e tudo era o mais barato que fosse encontrado. Não é de se admirar que os cadernos logo estivessem feios, com as orelhas dobradas e aparência ruim. Eu os carregava numa velha pasta de couro, que papai costurava quando rasgava e engraxava todo ano.

Mas na escola eu fazia bonito. Apesar de todas as dificuldades, apesar de nunca ter vestido bonito para me apresentar e dançar nas festas, eu tinha uma vantagem sobre os demais colegas. Era uma incrível facilidade ímpar para decorar. Assim, quando numa festividade, uma professora precisava de alguém que declamasse um poema de 20, 30 estrofes, que só lhe chegara às mãos um ou dois dias antes da data marcada, era a mim que procuravam. Como a famosa “Veludo”, de Vicente de Guimarães. Não sei como, mas o certo é que desenvolvi um jeito próprio de decorar. Recebia a incumbência e dava conta. Também era a primeira da sala na matemática, principalmente nos cálculos orais. A professora ia ditando os dados e a gente escrevendo o resultado no caderno. Ao final, ela ditava ou escrevia no quadro negro os resultados. Eu rarissimamente errava. Assim era quase sempre também nas demais matérias. Parece que eu me esforçava para ter um bom desempenho, como forma de

não me sentir tão inferiorizada diante dos colegas. Muitos eram pobres, mas eu, além de me sentir a mais pobre de todos, era a única que morava tão longe.

O tempo passou e chegou o dia de receber o diploma do quarto ano. Naquele tempo, em que muitos só estudavam até o primário, tal diploma tinha valor. Era o fim de uma fase importante. Meus colegas e eu comentávamos o que estudariamos depois. As meninas queriam ser professoras e eu também, inconsciente da realidade em que vivia e que me empurraria logo para o mercado de trabalho, adiando para muitos anos depois o sonho de continuar os estudos.

Em cada sala, um aluno receberia o prêmio de Melhor Aluno, que seria entregue pela professora. Não sei que prêmio era, só me lembro de uma caixinha embrulhada para presente, mas era consenso, todos os colegas comentavam que ele devia ser meu. Sem falsa modéstia, eu também achava justo. No momento oportuno a mestra anunciou: o prêmio de melhor aluno vai para aOdete! Nos entreolhamos assombrados e o zum-zum foi geral. Odete era uma menina que entrara na escola no meio do ano. Era mais alta que todos nós, devia ter uns quatorze anos (eu tinha onze). Mas era uma aluna comum, nunca se destacara em nenhuma matéria, nada havia que justificasse tal premiação. Não houve como conter as lágrimas. A decepção, o desapontamento, foram grandes demais e em nada me ajudou a solidariedade de meus colegas que também não entendiam a premiação e me olhavam cheios de pena. Tão ruim ou pior que se sentir injustiçado é a humilhação de perceber a pena no olhar e nos comentários dos outros. Creio que nem Dona Apolinária, nossa professora, esperava que sua escolha causasse tal reação. A prova disto é que se sentiu obrigada a descer do pedestal e vir me dar explicações, a mim, uma aluna pobre, magricela, que morava no Taquaril. Sabe o que ela disse? - Olha Lúcia, realmente você é a melhor aluna da classe. Mas a Odete é mais organizada, seu material está sempre bonito, encapado e bem cuidado, seu uniforme está sempre bem engomado. Por este motivo resolvi dar o prêmio a ela.

Pobre só podia sonhar

Quando estava terminando o curso primário (4ª série ou 4ºano de grupo, como se dizia) eu acreditava e dizia a quem me perguntasse que eu continuaria a

estudar. Queria ser professora, aliás como a maioria de minhas colegas. Ingenuamente, não enxergava os obstáculos que já estavam colocados à realização de meus desejos.

Terminei o primário aos 11 anos. Minha irmã Dalva estava com 7 anos e os outros irmãos com 6, 5, 4, 2 e 1 ano de idade. Embora eu estivesse acostumada a andar 12 Km por dia para ir e voltar da escola, isto era sacrifício demais para minhas irmãs tão novinhas. Acrescido do fato, de que não haveria quem as pudesse levar e trazer. Isto levou meu pai a vender a propriedade que tínhamos no Taquaril, 2 lotes e um barracão de 2 cômodos de terra batida e mudar para um local com escola mais próxima. Um negociante de imóveis aceitou trocar nossa casa por uma casinha no bairro Saudade, perto do cemitério. A diferença seria paga por meu pai em 10 parcelas. Pela primeira vez, fomos morar em um barracão com piso de tijolos, num bairro bem melhor. Mas nossa alegria durou pouco, pois meu pai logo percebeu que não conseguia pagar as tais parcelas. Pudera, salário de pedreiro para sustentar 9 pessoas. O jeito foi devolver o imóvel e receber o que o corretor quis pagar por ele. Passou-se então a procurar um novo imóvel para adquirir e a única alternativa era um barracão, um “terreno da prefeitura” onde se adquiria só a posse. Acabamos indo morar na Cerâmica Santa Maria, atual Barragem Santa Lúcia, perto de onde meus pais tinham uns amigos. Embora a situação jurídica dos proprietários da cerâmica fosse idêntica a das favelas de hoje, havia bastante diferença na estrutura urbana. Na verdade, tratava-se de uma vila operária com barracões de adobe ou tijolos, com dois ou mais cômodos, um pequeno quintal sem o atual adensamento, onde as relações de vizinhança eram cordiais e ninguém via falar em violência. Logo ao chegar começamos a perceber a dificuldade em conseguir fazer com que eu estudasse. O colégio gratuito mais próximo era o Estadual Central que distava bastante de nossa casa. Mas, além do problema da locomoção, havia o de adquirir uniforme, material escolar, etc. Além disto, os poucos recursos tinham que ser investidos em minha irmã que deveria ir para o primeiro ano primário. Quanto a mim, já tendo “tirado o diploma”, deveria é cuidar da casa para que minha mãe pudesse lavar roupa para fora e assim ajudar meu pai a sustentar a família. Protestei, chorei escondido, mas sabia que não me restava outra alternativa. Mas guardava em meu coração as palavras de Dona Ana Machado, minha primeira professora, que, sempre que me encontrava dizia: ‘você tem que estudar Lucinha, você é muito inteligente’. Foi, portanto, com grande felicidade, que fiquei sabendo terem criado no Grupo

Escolar Dom José Gaspar, um curso noturno de admissão ao curso de ginásio que seria instalado no ano posterior para funcionar à noite. Naquela época, entre o primário e o ginásio era feito o curso de admissão. Fiquei super feliz, falei com meus pais e fui logo me inscrever. Durante o dia eu lavava, cozinhava, carregava lata d'água na cabeça, olhava meus irmãos para minha mãe lavar roupa para fora. Assim que ela chegava, eu saía para a aula, aproveitando o resto de claridade do dia. Como chegava cedo para o início das aulas, meus pais pediram a uma família amiga, que morava ao lado do grupo escolar, que me permitissem ficar na casa deles até que os professores chegassem. Foi lá que vi, pela primeira vez, um liquidificador e onde tomei a primeira vitamina de frutas de minha vida.

Os alunos eram todos adultos ou adolescentes, há muito fora da escola. Eu era a mais jovem de todos e também a mais esforçada e entusiasmada. Ao final da aula, lá estava meu pai, me esperando toda noite, às vezes debaixo de chuva. Coitado, chegava cansado do trabalho, jantava e ainda tinha que ir me buscar caminhando mais de 2 quilômetros. Mas ele nunca reclamou. Durou o ano todo, essa rotina. Chegaram as férias, chegou o ano seguinte, o dia marcado para o início das aulas. Lá estávamos nós, os alunos, mas professor que é bom nada. Voltamos no dia seguinte e mais no outro e no outro. Assim foi uma semana inteira até que recebemos a notícia que ninguém queria ouvir: não ia haver ginásio, não tinham conseguido implantar o curso noturno. Foi uma decepção sem tamanho, sofri demais. Meus pais devem ter sentido também, mas não podiam fazer nada. Meu pai começou a me dizer que era melhor eu fazer curso de corte e costura, que era uma profissão rendosa e que se poderia ganhar dinheiro muito mais depressa que se fosse ser professora. Citava o exemplo de pessoas bem de vida com o ofício de costureira, tentando me animar. Não me restava alternativa. Fiz curso de corte e costura, tirei diploma, mais tarde fiz outros cursos afins, tentei mesmo aprender, mas nunca me tornei uma costureira. Parece que ocorreu um bloqueio e a costura virou a vilã da história. Anos mais tarde, trabalhando no balcão da Drogaria São Félix, quando por lá passava alguma das colegas de escola e me perguntava se eu estava estudando, nunca consegui evitar que meus olhos se enchessem de lágrimas.

Café com pão, manteiga sim

Sou louquinha por pão de sal. Não troco por nada, nem pelo melhor quitute. Novinho, com um pouco de manteiga (margarina não), um café coado na hora em coador de pano. Ah! Que delícia. Se não me detiver a prudência, como dois pães ou mais de cada vez. Entretanto, esta chata virtude me alerta que não tenho mais idade para extravagâncias: “Olha a balança!”, repreende-me sisuda. Engordar, reconheço, mais que ameaça à estética, significa aumento do colesterol e da glicose.

Mas este prazer em comer pão é antigo. Eu o atribuo ao fato de que durante os primeiros anos de minha vida, o pão diário era um luxo inacessível em minha casa. Além da falta de dinheiro havia o problema da distância entre onde morávamos e onde se fazia ou se vendia pão. Para se ter uma ideia, quando moramos no Taquaril, a padaria mais próxima devia ficar a uns quatro quilômetros de distância. Aos sábados papai levava, juntamente com as compras da semana um pão de um quilo (já não se faz mais). Comíamos metade no Sábado à noite e o restante no Domingo pela manhã, uma fatia só para cada um, nunca dava para matar a vontade. Para manteiga não havia dinheiro, nem, geladeira que a conservasse.

Margarina não tinha sido inventada. Sem pão e sem dinheiro para comprar ou fazer bolos e biscoitos, alimentar aquela filharada devia ser um desafio para a criatividade de minha mãe. Pela manhã comia-se batata doce cozida, mexido feito com a sobra do jantar, broa de fubá assado na caçarola coberta por uma tampa de lata com brasas, ou um bolinho que era uma mistura de trigo, água, açúcar e ovo (quando havia), misturado em consistência grossa, que era assado às colheradas em frigideira untada ou sobre a chapa do fogão. A gente comia e achava bem gostoso. À tarde leite de cabra com farinha de mandioca, angu doce, farinha de mandioca com açúcar, ou uma mistura de farinha de mandioca, açúcar e água, à qual dávamos o nome de jacuba.

Mais tarde, quando moramos no bairro Vera Cruz, na Cerâmica, ou mesmo no Conjunto Santa Maria, o que havia por perto eram vendinhas que revendiam o pão, logo ele nunca era novinho.

Foi só no meu primeiro emprego, aos treze anos de idade é que fui matar a minha “cegueira” (como dizia mamãe), por pão. Fui trabalhar num pensionato chamado Casa das Estudantes, no bairro Cruzeiro. O pensionato, dirigido por uma congregação de irmãs holandesas destinava-se a hospedar jovens que vinham estudar na capital, filhas de fazendeiros, políticos ou ricos do interior.

Eu me levantava às 5:45 da manhã e às 6:00 já estava na cozinha. Punha o leite para ferver, a água para fazer o café e ia pegar o pão que o padeiro deixava no portão. Quando às 6:30 chegavam as que tomavam o café mais cedo, tudo estava preparado para servi-las. Mesa posta, leite fervido, café coado, pão fatiado, manteiga. Mas a esta altura eu já tinha cuidado de mim. Já estava com o estômago cheio de tanto pão com manteiga que tivesse conseguido ingerir.

O trabalho era pesado demais para minha pouca idade, o salário uma miséria (menos de 1/5 do salário mínimo da época), mas eu dava um rombo na despesa, pois, pela primeira vez na vida, pude comer coisas gostosas à vontade, muitas das quais eu nem ouvira falar. Regalei-me com todas aquelas sobremesas, doces, bolos, biscoitos, a própria comida do dia a dia era maravilhosa para mim. Mas o maior encanto era o pão com manteiga. A prova disto é que, ao entrar para lá, aos 13 anos, eu era um palito, devia pesar menos de 40 quilos. Ao sair, dois anos depois, contra minha vontade e quase que literalmente arrastada por minha mãe, pesava 58 quilos. Nunca mais consegui me livrar da briga com a balança. Nem da paixão por pão com manteiga.

Com que roupa?

Abri a porta do guarda roupa e me quedei pensativa. Puxa vida, é roupa demais. Nada de luxo, nada de etiqueta, a maioria feita pelas mãos hábeis e carinhosas de Dalva minha irmã. Mas se eu ficar uns 3 anos sem comprar roupa, certamente não me faltará o que vestir. Nem o que calçar. E o pior é que muitas peças eu quase nunca uso, mas não tenho coragem de dar para os outros, ficam lá ocupando espaço e incomodando-me a consciência.

Recuei no tempo e voltei à minha infância, aos dias de minha meninice, quando

o salário de meu pai era o único com que contávamos para atender às necessidades de uma família com 9 pessoas.

Evidentemente, a alimentação consumia a quase totalidade dos recursos.

A gente só tinha um par de sandálias, que chamávamos de “percata” (alpercata), corruptela de alpargatas, e que eram usadas para ir à escola, à missa, ou para fazer uma visita. O dia-a-dia era de pé no chão mesmo. Elas eram compradas nas barracas da feira livre que funcionava aos domingos nos bairros, ou nas do Mercado Central. Eram calçados simples, solado de pneus, os mais baratos que havia, de péssima qualidade e pouca duração. Mas era o que dava para comprar. Quando arrebentavam, papai entrava em ação. Para isto tinha um “pé de ferro” destes usados por sapateiros, martelo, pedaços de couro e muita taxinha, uma agulha grossa. Pregava, costurava, daí a pouco arrebentava de novo, tornava a pregar, até ver que não tinha mais jeito. Pior era quando o solado já estava fino e, à medida que andávamos, a ponta do prego ficava espetando nosso pé. Perdia a conta das vezes em que voltei da escola com o calçado na mão, os pés na poeira ou no barro da estrada.

Quanto à roupa, a gente sempre tinha um vestidinho melhor, um só, para sair, de sedinha barata, de tecido xadrez, ou estampadinho. Só quando ficava muito “fovero”, ou seja, descorado, começando a puir, é que se pensava em comprar um novo. Uma peça de tecido, para ficar mais barato aproveitando melhor as sobras, e as meninas saíam todas de vestido igual. Vovó é que costurava para nós as roupas de sair. Embora nunca tenha feito curso para aprender a costurar, ela costurava para a vizinhança, uma forma de ajudar nas despesas da família de meu tio com quem residia. Fita métrica ou régua ela nem sabia o que era, pegava uma roupa que estivesse certa no corpo da pessoa, punha por cima do pano e cortava. Nem precisava provar, dava certinho. Em certa época, quando morávamos no Taquaril ela costumava comprar uns quilos de retalhos que eram vendidos em tiras de cores diversas e com os quais fazia vestidinhos para nos dar de presente no Natal. Era o único presente de Natal que ganhávamos.

Para usar no dia-a-dia, para ficar em casa, os vestidos eram de saco. Papai comprava no armazém sacos de farinha de trigo e tintol. Mamãe tingia os sacos, sempre de azul e cortava os vestidos para nós e para ela e os costurava em sua maquininha de costura manual. Com bom humor, chamávamos de

“vestido azuré”, numa alusão à cor azul. Mamãe só não tingia os sacos que eram destinados a fazer camisa para meu pai e aventais para ela. A estes ela alvejava até ficar bem clarinhos e os mantinha assim, imaculadamente branco. Isto numa época em que não tínhamos água corrente em casa, nem tanque, nem mesmo uma escova para esfregar a roupa. E ela tinha alergia ao sabão. Não admira que o entorno de suas unhas estivesse sempre avermelhado ou ferido.

Quando a professora dizia que tal dia a gente podia ir sem uniforme, com um vestido bem bonito, me dava uma tristeza! Eu logo pensava: - lá vem vestido de xadrez de novo. Talvez ela tenha captado minha desolação quando, uns dias antes da festa a primavera, apresentou esta alternativa: - quem não tiver um vestido bonito, pode pedir à mãe para fazer um de papel crepom. E já experiente, certamente prevendo algum possível contratempo: - quem tiver mais de um vestido bonito, pode trazer para escolher aqui. Vibrei com a ideia, falei com mamãe e ela coitada, lendo no meu coração, pediu a meu pai o dinheiro. Na véspera da festa, cheguei da escola e sai de novo para comprar, a uns quatro quilômetros de distância, uns três ou quatro rolos de papel crepom azul. Mamãe, amorosamente, cortou e costurou, na sua velha máquina de costura de mão, um vestido de vários babados. Daquela vez eu estava livre da humilhação de ir sempre com o mesmo vestido velho.

Mas a alegria de pobre durou pouco. Quando fui vestir o vestido ele se rasgou em várias partes. Fui procurar a professora, na certa com os olhos cheios d'água. Mas ela logo perguntou quem tinha trazido mais de um vestido. A Olma, tinha e me emprestou. Tudo terminou bem, mas não sei se tive coragem de dizer para minha mãe que todo seu trabalho tinha sido em vão.

Meu pai

Meu pai era nordestino, nascido na divisa de Pernambuco com o Ceará, no pé da Chapada do Araripe. Era conhecido como Mané cearense. Mais um que veio tentar a vida no Sul e nunca mais voltou. Ao deixar o Nordeste, não pensava em vir para Minas. Foi para São Paulo, no final da década de 20, época de crise geral. O pouco dinheiro que levava deve ter-se acabado antes de conseguir trabalho, tanto que escreveu para casa dizendo que estava de volta. No caminho de regresso, certamente amargando o sonho desfeito, quando o vapor passava pela Bahia, cruzou com outro que vinha em sentido contrário e

onde meu pai encontrou vários amigos e conhecidos. Disseram-lhe que vinham para Minas, onde o governo estava construindo uma grande prisão e havia muito trabalho. Convenceram-no a voltar. Meu pai escreveu para casa, contando da mudança de planos e voltou com eles.

Em Minas, trabalhando na construção da Penitenciária de Ribeirão das Neves, conheceu uma mineirinha de quinze anos, filha de pobres colonos que labutavam naquelas terras. Casaram-se, tiveram quatorze filhos. Só que, devido à pobreza, à falta de uma alimentação adequada, à falta de assistência médica, oito morreram. Os cinco primeiros, inclusive um casal de gêmeos, morreram ainda bebês. Tanto que eu, sendo a sexta filha, fiquei sendo a mais velha. Vivíamos, como se diz, “da mão para a boca”.

Todo sábado, fazia-se a compra da semana e pagava-se a da semana anterior. Numa havia dinheiro para nada que não fosse absolutamente essencial. Eu e minhas irmãs tínhamos um vestidinho de chita e uma sandalinha barata, que chamávamos de “precata”, comprada na feira, reservados para ir à igreja, à escola, ou para fazer alguma visita. O dia-a-dia era de pé no chão e com vestidos de saco de açúcar ou farinha de trigo, que mamãe tingia de azul, sempre de azul e costurava em sua maquininha de mão. Com bom humor, nós dizíamos que era vestido azuré. Só não tingia o tecido para as camisas de meu pai e para seus aventais, imaculadamente brancos.

Vivendo assim, com tanta dificuldade, meu pai nunca voltou ao Nordeste. Não havia como parar de trabalhar e enfrentar uma viagem de volta às origens. Mesmo porque, nordestino não gosta de voltar sem poder mostrar que venceu. Ele nem tocava no assunto e desconversava quando alguém lhe perguntava algo. A tristeza e a saudade da família, sobretudo das irmãs, das quais, soube muito depois, era o xodó, ele só as expressava em doídas modinhas que cantava para nós e, possivelmente, lendo as histórias da literatura de cordel, originárias de sua terra.

A solidariedade dos excluídos

Ele é uma das poucas crianças que povoaram minha tenra infância, de cujo nome me lembro: Mário. Morava com sua família, umas cinco casas abaixo da nossa, na rua Perdigão Malheiros, na antiga Colônia Afonso Pena. Casa própria

(a nossa era um barracão alugado), grande, bem-acabada, móveis bonitos, um luxo para os meus padrões da época. Sei que tinha a minha idade que eu e era um menino triste. Não brincava com os outros, quase não falava. Ele tinha um defeito físico, um de seus pés era torto, virado para dentro, o que o levava a andar mancando. Sua família era amiga da minha e nos visitávamos frequentemente.

Ele deve ter mudado do bairro antes de completar sete anos, pois não me lembro dele na escola. Mas coincidiu de estudarmos juntos quando me mudei para o Taquaril e fui estudar no Grupo José Anchieta. Foi lá, quando já estávamos na quarta série, o último ano de estudo, que percebi o quando ele sofria com a própria deformidade, o quanto era triste, o quanto vivia isolado, o quanto era discriminado. E foi ele quem me deu, talvez pela primeira vez, a consciência de que eu era como ele, embora meus pés fossem perfeitos. Meu aleijão era outro: a pobreza, o fato de morar tão longe, de me trajar tão pobremente, de ter o material escolar mais pobre, de não poder convidar os amigos para ir à minha casa, fazia com que a grande maioria de meus colegas me isolassem, me tratassem com um certo desprezo. E, também pela primeira vez, percebi que poderíamos ser amigos, que podíamos oferecer carinho um para o outro, amenizando a respectiva solidão. A partir desta constatação, passei a conversar mais com ele, a lhe fazer companhia na volta da escola, a lhe dar mais atenção. Ele retribuiu a cada gesto de carinho e atenção de minha parte. Pena não termos mudado de atitude antes, porque o curso chegou ao fim, minha família mudou de bairro e eu o perdi de vista. Tomara que seja feliz, esteja onde estiver.

"A fruta é pouca, o macaco é muito"

Era assim que minha mãe dizia, quando percebia que o que tinha para repartir entre nós era muito pouco, não ia dar para matar a nossa muita vontade. Era sempre assim, cresci com carência de coisas boas, principalmente de comida gostosa. Em nossa casa, graças ao esforço de meus pais, nunca faltou o básico, o arroz com feijão. Mas aquilo que nós chamávamos de "mistura", o complemento, era sempre um pouquinho só para cada um, "pouca fruta pra muito macaco". Me lembro que no Taquaril papai costumava comprar um saco de batata doce e a gente comia arroz, feijão e batata doce cozida quase o mês inteiro. Às vezes variava-se com uma abóbora colhida no quintal, uma couve

refogadinha, ou molho de cebolinha com ovo cozido. Este último não consigo fazê-lo sem me lembrar de mamãe. Ela cozinhava um ou mais ovos às vezes só tinha um), cortava em rodela num prato com bastante cebolinha verde picadinha, umas gotinhas de pimenta. Por cima de tudo, caldo de feijão grossinho e fumegante. Tão simples e tão delicioso, ela servia acompanhando o arroz quentinho. Uma vez por mês papai costumava comprar uns dois quilos de carne de segunda. Mamãe fritava um pouco para a gente e salgava o restante pondo a secar ao sol, visto que não tínhamos geladeira. E a gente ia comendo um pouquinho a cada dia, até acabar.

Como a gente sempre morava longe, papai costumava manter uma ou duas éguas para ajudar a transportar as coisas mais pesadas. Lembro-me que, no Taquaril ele pagava a compra de armazém feita na semana anterior e fazia a compra da semana seguinte, tudo muito controlado, para durar só uma semana, pois o dinheiro era muito pouco.

Nas tardes de sábado lá pelas 3 horas. Depois ela pegava a égua, arreava e eu ia puxando o animal até a venda do Cícero, que ficava perto do Cemitério da Saudade, a uns quatro quilômetros de distância, sendo uns dois quilômetros por uma região completamente despovoada. Eu, com 10 a 11 anos de idade, levava junto Cleusa e Dalva, com 5 e 6 anos, respectivamente. Papai saía do serviço e nos encontrava lá. Às vezes ele comprava para nós uns retalhos de gelatina, outras vezes algumas balas e só. Voltávamos para casa todos caminhando, a égua carregando os dois sacos com as compras, distribuídos um de cada lado do arreio.

Lembro-me que, por mais de uma vez, não havia nada para se comer antes de sairmos para esta viagem. Mamãe cozinhava o feijão, passava-o ainda quente dentro da lata onde se guardava a banha para aproveitar os resíduos, colocava sal e nós comíamos aquele feijão puro com a melhor boca do mundo.

Doce era coisa rara. Lá uma vez ou outra, uma lata de marmelada ou goiabada, que era comida de uma vez. Nem se podia fazer doce em casa pois o açúcar era a conta das demais necessidades da família. Doce de leite com queijo era mais raro ainda. Por isto virou folclore na família, a forma com que a vizinha dos fundos chamava a filha que brincava com minhas irmãs: “Letícia, vem comer doce com queijo! “ Hoje a gente acha graça, mas naquele tempo bem que a

gente queria ser filha dos pais da Letícia e não dos nossos. Pelo menos naquele momento.

Sexta-feira da Paixão

Meus pais não eram de frequentar igreja com regularidade. Mesmo porque a igreja normalmente era muito longe de nossa casa. Mas eles tinham aquela religiosidade do povo simples, a respeitosa devoção dos mais humildes, sobretudo a datas marcantes tais como a Sexta-feira da Paixão.

Para eles Sexta Feira da Paixão era um dia como nenhum outro. Dia de se guardar um profundo respeito. Não se podia conversar alto, cantar, gritar, varrer a casa, lavar roupa, buscar lenha, pentear o cabelo, usar faca ou qualquer ou qualquer ferramenta. No entanto, como acreditava-se ser o dia perfeito para plantar alho o terreno era preparado de véspera. Nada de usar pá, enxada, etc., no dia sagrado. Pela manhã era só colocar cada dente de alho no canteiro adredemente preparado, cobrir com terra usando a própria mão e molhar. Daí a seis meses, maravilhosa colheita.

Para meus pais, o principal da Sexta Feira da Paixão é que era dia de jejum e abstinência de carne. Mas, como costuma acontecer com as pessoas mais simples, ao invés de ser “dia em que não se deve comer carne”, passou a ser interpretado como “dia em que se é obrigado a comer bacalhau”. Mesmo se a situação financeira estivesse péssima, sacrificava-se os últimos trocados, comprava na “caderneta”, para que não faltasse o bacalhau à mesa. Não sei o que mais era interpretado de forma equivocada, só sei que com o bacalhau vinha a macarronada, o queijo, a laranja como sobremesa. Conclusão: Sexta Feira da Paixão, além de ser o dia em que quase não trabalhávamos, era também o dia em que comíamos regamente, como em nenhum outro do ano. O próprio Natal, nem de longe rivalizava com a Paixão, era tratado como um dia qualquer. Razão pela qual, ao invés de considerar a Sexta Feira da Paixão como dia de tristeza, pela morte de Jesus Cristo, passei a considerá-la dia de festa, o dia da melhor comida do ano. Mamãe punha o bacalhau de molho na véspera, deixando tudo organizado de modo que, no dia santificado, o trabalho fosse só o indispensável. O bacalhau era cozido junto com o arroz na grande panela de barro. Quando já estavam quase prontos, pedaços de queijo eram colocados dentro da panela e quando íamos comê-los estavam derretendo.

Forrava-se a mesa com o único forro de mesa que havia e que, fora daquele dia era reservado para servir às visitas. Louça não havia, eram pratos esmaltados, já descascados, garfos de metal barato que tinham que ser ariados todo dia, pois enferrujavam sempre. Sobre a mesa, a panela de barro fumegante, a macarronada, mais queijo, desta vez fatiado, a laranja para a sobremesa. Era um ritual, tirado de não sei onde, pois nem as comidas podiam variar. Sentávamos à mesa, meus pais faziam uma breve oração e estávamos livres para nos empanturrarmos de comida.

Para quem me lê, para quem não viveu tal experiência, esta comilança pode parecer bem modesta. Mas para mim e minha família, que nos demais dias do ano só tínhamos arroz com feijão, uma verdura e, raramente, um pedacinho de carne era banquete mesmo. O dia terminava com um mexidão com as sobras do almoço. Ir à Igreja, nem pensar, era longe demais. Rezávamos em casa mesmo.

Passos de menina

Voltávamos para casa depois de uma reunião, alegres senhoras de meia idade, quando minha amiga Jovina falou:

– Espera que nós também vamos, pra que tanta pressa? Com este seu passinho de japonesa, como se andasse com as pernas amarradas, você acaba deixando todas nós para trás.

Obviamente ela se dirigia a mim. Não era a primeira vez que alguém reparava que eu sempre caminhava com passinhos pequeninos, passinhos de criança, mas velozes, rapidíssimos, a ponto de deixar para traz os companheiros de caminhada. Eu que nunca tinha parado para refletir qual o motivo que me levava a andar diferente dos outros, fui para casa pensando e, de repente, descobri o porquê.

Tudo começou por volta dos meus nove anos de idade. Na época minha família morava no Taquaril, um bairro novo, de gente muito pobre, quase despovoado, distante de tudo.

Fazia o curso primário (era assim que se chamava naquela época) pela manhã, numa escola distante seis quilômetros de minha moradia (a distância exata só

vim a saber quase quarenta anos depois, percorrendo-a de carro). Deste percurso, que tinha que ser feito a pé, pois não havia ônibus que o servisse (e mesmo que houvesse faltaria dinheiro para pagá-lo), um terço aproximadamente era feito em uma região deserta, quase ou totalmente sem moradores, caminho considerado perigoso já naquela época, para uma criança transitar tão cedo.

Como as aulas começavam às 7:15, eu poderia sair de casa ali pelas 6:00. Mas a esta hora ainda estava escuro para eu ir sozinha. A solução era eu ir em companhia de meu pai, só que aí tinha que sair bem mais cedo.

Meu pai, que trabalhava como pedreiro, tinha que andar mais de dois quilômetros até o ponto do ônibus, tomar mais um ônibus para chegar ao trabalho antes das sete da manhã. Para não perder hora, creio que deveria sair de casa lá pelas quatro e meia. Mas ele e mamãe tinham pena de me tirar da cama tão cedo, razão pela qual ele saía sempre às 5:15, horário que só lhe permitiria não perder os ônibus se ele andasse muito depressa. Eu acordava estremunhada de sono, lavava o rosto, comia um pouco da comida que mamãe fizera para pôr na marmita dele, vestia o uniforme de fustão branco pregueado, mamãe colocava em minha cabeça o laço de organdi também branco, também engomado com ferro de brasa. Pegava minha pasta de couro surrada e lá íamos nós pela estrada de chão, às vezes amassando barro, às vezes tiritando de frio (não me lembro nunca de ter uma blusa de frio eficiente, só paletó de flanela), ele andando bem depressa e eu procurando acompanhá-lo, e para isto andando ainda mais depressa que ele, pois minhas pernas eram curtinhas. Íamos juntos até o ponto do ônibus, lá ele me dava uma moeda para a merenda e eu continuava sozinha até à escola. As pernas encompridaram (não muito, é verdade), virei adulta, e hoje ando depressa, mesmo quando não é necessário, fiquei viciada. Virei adulta, mas ainda ando com passos de menina, menina correndo atrás do pai.

A contadora de histórias

Esta é só uma história comum, de uma menina comum. Seu único mérito, se é que o tem, reside no fato de ser uma história real. Eu era uma menina pobre, como muitas neste nosso imenso país. Meu pai, retirante nordestino, no início dos anos trinta do século passado, não encontrando trabalho em São Paulo,

acabou vindo para Minas Gerais. Foi trabalhar na Penitenciária que estava sendo construída em Ribeirão das Neves, cidade que faz divisa com Belo Horizonte. Quis o destino que lá encontrasse minha mãe, mineirinha que nascera em Divinópolis, Minas Gerais, e cuja família vivia num dos ranchinhos dos arredores, trabalhando à meia para um fazendeiro da região.

Ele já tinha quase trinta anos, ela apenas dezesseis quando se casaram Mamãe teve 14 filhos porque como para a maioria dos pobres daquela época, a riqueza da família eram os filhos, eles eram quantos “Deus mandava”. No entanto, só seis filhos chegaram à idade adulta. Eu fui a sexta filha, mas como os cinco primeiros foram nascendo e morrendo antes de completar um ano de idade, acabei ficando na posição de mais velha.

Com o fim da construção da penitenciária, meus pais vieram morar em Belo Horizonte, sempre em vilas da periferia. Com o tempo, meu pai conseguiu passar de servente de pedreiro a pedreiro, profissão que exerceria até o fim da vida, não tivesse ele sofrido um acidente de trabalho, uma queda de uma laje, que lhe roubou, para sempre, a firmeza das pernas. Acabou sendo aposentado por invalidez.

Granjeou fama de excelente pedreiro e isto era motivo de orgulho para toda a família. Embora com a saúde debilitada pelas precárias condições de vida, agravadas pelos partos sucessivos, mamãe trabalhava, até altas horas para dar conta de todas as tarefas domésticas. Contratar uma empregada era luxo inacessível.

Papai e mamãe não tinham podido estudar muito, segundo ano em escola rural, mal e mal sabiam ler e escrever. Mas davam grande valor aos estudos e me transmitiram este amor. Em minhas mais antigas lembranças vejo meu pai contando-me as histórias da literatura de cordel lá do seu saudoso nordeste. Minha infância foi povoada por personagens das histórias de Creusa e o Pavão Misterioso, da Luta do Zé Pretinho contra o Cego Aderaldo, A Verdadeira História de Lampião, etc., etc.

Quando me entendi por gente, quase toda noite os vizinhos se reuniam em minha casa, para contar “causos” e os preferidos eram os de assombração. Mamãe preparava uma baciada de biscoito frito e um bule grande de café e,

sentados na cozinha, sob a luz bruxuleante da lamparina de querosene, aquelas pessoas simples desfiavam suas histórias. Encantada, quase desapercebida, eu ficava ali ouvindo, sentadinha no banco, morrendo de medo, mas sem querer perder uma história, até que, vencida pelo sono, ia para a cama nos braços de meu pai.

O amor pela música deve ter brotado quando ouvia meu pai cantando dolentes e saudosas modinhas que aprendera no seu nordeste e minha mãe também cantando, enquanto desempenhava as tarefas do dia-a-dia. Músicas que guardavam na memória, pois, embora vivêssemos sempre na capital, luz elétrica e rádio, só conquistamos quando eu já tinha quinze anos.

Aos sete anos de idade fui para a escola. Estudar, além de um dever desde cedo inculcado, era a mais pura felicidade. Este sentimento permaneceu, mesmo quando nos mudamos para mais longe, onde a escola distava seis quilômetros de casa. Uma légua de caminhada feita a pé, de segunda a sexta, quer chovesse, fizesse frio ou sol escaldante. Faltar à aula só por motivo de doença grave, ou seja, nunca.

Todo início de ano letivo era uma luta até conseguir comprar todo o material escolar (e olha que era quase nada, comparando às listas quilométricas de hoje). Eu ficava torcendo para não ser a última a completar o material, mas não tinha jeito, acho que eu era mesmo a mais pobre. Nestas circunstâncias, comprar algo que não o estritamente exigido, mesmo que fosse um simples livrinho de história, era impossível.

Quando eu estava com uns dez anos, aconteceu um dia particularmente importante em minha vida. Foi quando inauguraram uma biblioteca na minha escola. Que maravilha! Agora eu podia ler à vontade, levar livros para casa, decorar as poesias, ler os contos de fada.

Mas logo surgiu um problema. É que minha sede de leitura era voraz e minha mãe logo percebeu que se me deixasse livre, eu leria o dia todo. E ela, coitada, necessitava demais da minha ajuda nos afazeres domésticos; buscar água na bica, lavar vasilhas, principalmente ajudar a cuidar dos meus irmãos menores.

A solução que minha mãe encontrou tão logo descobriu porque meus

deveres estavam gastando tempo demais, foi proibir-me de ler “sem necessidade”. Só tinha tempo para fazer o “Para Casa”. Terminado este, deveria ir cumprir minhas tarefas domésticas. Foi então que inventei uma saída para burlar sua proibição. Eu levava para casa livros fininhos, de contos de fada e os escondia dentro do caderno. Fazia o dever de casa rapidamente e começava a ler o livro. Quando minha mãe se aproximava, eu simplesmente, virava a página. Não sei se ela percebia o meu truque.

O fato que li todos os livros finos que havia na biblioteca, pelos menos todos os de contos de fadas, à base de um por dia. Sem drama de consciência. Coincidindo com a chegada da biblioteca, a professora da terceira série, Dona Elba, introduziu no currículo uma atividade pela qual logo me apaixonei: uma vez por semana, normalmente no final do último horário, ela reservava um tempo para ler histórias, em capítulos. Amei aqueles momentos. Vivia intensamente as emoções daqueles personagens, aguardava ansiosa o dia da próxima leitura.

A prova do quanto a leitura se tornou vital em minha vida, eu a encontro no meu mais acalentado sonho de infância. Conforme já disse, a pobreza da família era muito grande, ali só não faltava o essencial. Carne de segunda só uma vez por semana, só um vestidinho de chita para sair, só uma sandália barata para ir à escola ou visitar alguém (no dia -a- dia era vestido de saco tingido sempre de azul e pé no chão), nunca um brinquedo de presente, fosse Natal ou aniversário.

Meu padrinho era também retirante nordestino. Passara por Minas, batizara a filha do conterrâneo e fora embora para São Paulo. Em casa sempre se falava dele, se esperando a sua volta. Eu também sonhava com sua volta, já o via chegando, carregado, melhor diria, sobrecarregado de presentes. Seriam lindas bonecas, outros brinquedos, guloseimas variadas. Seriam vestidos e sapatos bonitos para que eu, finalmente, pudesse me exhibir diante das colegas? Nada disto.

Eu sonhava acordada com a volta do meu padrinho trazendo-me, sim, caixas e mais caixas de presentes. Tantas e tão pesadas caixas, que ele não conseguia carregar sem ajuda. Mas dentro daquelas caixas só havia... livros. Sim por incrível que isto possa parecer, apesar da pobreza e da carência de quase tudo

em que vivíamos, nas caixas do meu sonho eu só queria livros, centenas de livros.

Jamais passou pela minha cabeça, como é que meu padrinho ficaria sabendo que eu adorava ler e mais ainda, como arranjaria dinheiro para comprar tanto livro. Afinal, sonho é sonho.

Meu padrinho Messias morreu lá em São Paulo mesmo, nunca nos mandou sequer uma cartinha, talvez porque nem tivesse nosso endereço. Mas eu continuei acalentando aquele sonho no coração durante muitos anos.

Só pude estudar até a quarta série, naquele tempo se dizia, tirar o diploma. Os poucos recursos da família tinham que ser gastos com a segunda e depois as demais filhas na escola. Meus pais me explicaram, estou certa de que com grande pesar, que eu já estudara bastante, estava na hora de trabalhar, ajudar nas despesas. Chorei escondido, mas tive que aceitar a decisão que, ademais, eu considerava justa.

Enterrei meus sonhos de ser professora (era com o que sonhavam a maioria das meninas da primeira metade do século passado) e fui aprender corte e costura. Talvez seja por isto que não saiba costurar até hoje, apesar de ter tirado alguns diplomas desta arte.

Mas meu primeiro dinheiro veio de outra fonte (mais correto seria dizer, de outro córrego). Nesta época já tínhamos nos mudado para a vila que existia onde hoje se situa a Barragem Santa Lúcia e mamãe lavava roupa na casa de mulheres abonadas da Cidade Jardim, do bairro Santo Antônio ou Lourdes.

Consegui um trabalho de lavar roupas em casa, uma vez por semana, recebendo cinco, qualquer que fosse o dinheiro da época (devia equivaler a uns cinco reais de hoje).

Eu já estava com 12 anos e lavar roupa para mim não apresentava dificuldade, afinal eu já estava acostumada a lavar a roupa de toda a família. Além disto, como um córrego passava nos fundos do barraco, eu podia fazer a lavagem enquanto tomava conta da casa, dos meus irmãos.

Antes de começar a trabalhar, já manifestei aos meus pais qual era a primeira coisa que queria fazer com aquele dinheiro. E eles, com uma sensibilidade que só hoje posso avaliar, concordaram com o meu desejo. Sequer disseram que, na pobreza em que vivíamos, havia coisas muito mais necessárias.

Foi assim que juntei todo o dinheiro das oito primeiras semanas de trabalho e comprei o livro “Histórias da Avozinha”, que eu já conhecia e sobre cujas histórias já comentara com eles.

Aquele livro era um tesouro. Imagine, quarenta histórias! Nem preciso fechar os olhos para rever com nitidez, aquela cena! Durante noites e noites minha família se reunia para ouvir, embevecida, as histórias que eu, a filha mais velha lia, à luz da lamparina de querosene. Primeiro li todas, duas ou três a cada noite. Depois fui relendo, de acordo com as escolhas de cada um. Clássicos da literatura infantil, histórias fantásticas, maravilhosas. Reis, princesas, diabos, anões, assombrações, etc., passaram a povoar a nossa mente, a nos fazer voar nas asas da fantasia, ultrapassando os limites estreitos daquele barracão humilde de terra batida e sem reboco.

Mas eu queria ler mais. Aconteceu que mamãe passou a me dar a tarefa semanal de ir ao Mercado Central fazer umas comprinhas. Um repolho, uma abóbora, umas cebolas, bananas bem maduras, o que encontrava de mais barato, limitado ao pouco dinheiro que trazia.

Não tardei a descobrir que em meu caminho havia uma lojinha que vendia e comprava revistas usadas. Foi um achado. Revista era coisa quase desconhecida para mim. Logo me encantei, principalmente com as de amor: Capricho, Grande Hotel, Querida, fotonovelas, contos, seriados, aventura, romance, maravilha!

Comprei a primeira revista, li de um fôlego só. Na semana seguinte comprei outra. Na terceira, troquei as duas por uma terceira. Durante os anos seguintes, enquanto existiu aquela loja eu fui frequentadora assídua, numa semana comprando, noutra trocando. Trazia as revistas escondidas no fundo do balainho, guardava-as debaixo do colchão, aguardando o momento propício para saboreá-las.

Quando mamãe perguntava onde eu estava conseguindo aquelas revistas, dizia que tal amiga as emprestara. Sim, porque não tive coragem de confessar aquele novo “delito”, contar que estava gastando o seu suado dinheirinho em uma coisa considerada não essencial à subsistência da família. Sabia que seria repreendida e que teria que pôr fim ao meu novo encantamento.

Sim, porque agora aí já não era só o prazer de ler. Aquelas revistas me abriram um novo manancial de emoções, proporcionando-me a descoberta do romantismo, naquelas ingênuas histórias de amor escritas nos anos cinquenta. Hoje, com a TV mostrando romance (e sexo) às crianças desde a mais tenra idade, isto pode parecer sem importância.

Mas naquele tempo era diferente e eu preservava ciosamente minha nova fonte de sentimentos. Motivo pelo qual eu não compartilhava aquelas leituras com ninguém.

Aos treze anos, sai de casa para trabalhar como doméstica em um pensionato dirigido por freiras. As pensionistas eram filhas de fazendeiros, que vinham estudar na capital. Algumas delas, mais generosas, logo descobriram minha paixão pelos livros e me emprestaram os primeiros romances de minha vida.

Eu trabalhava de seis da manhã até quase oito da noite e ainda encontrava energia para devorar os livros. Fiquei lá por dois anos e li e reli quase toda noite.

Mas foi aos quinze anos, quando comecei a trabalhar no centro da cidade é que descobri e pude frequentar a Biblioteca Pública localizada na Rua da Bahia com Av. Augusto de Lima. Fiz logo minha ficha e me tornei leitora voraz. Pegava dois livros de cada vez e três dias depois já estava devolvendo e pegando mais dois. Isto trabalhando oito horas por dia e morando longe. Andava lendo pela rua, lia no horário de almoço, ficava acordada lendo até duas da manhã. Foram vários anos de visita à Biblioteca, pelo menos duas vezes por semana. Comecei lendo a coleção toda da Biblioteca das Moças e fui evoluindo até autores de mais peso, passei pelos mais variados gêneros.

Mas finalmente, quando já tinha completado vinte e cinco anos, depois de

quatorze sem estudar, surgiu a chance de voltar aos bancos escolares e realizar meu velho sonho. Matriculei-me no Curso que me permitiria fazer os exames de Madureza, o Supletivo da época. Meu sonho era modesto. Pretendia apenas terminar o primeiro grau. Por esta época eu trabalhava no comércio e queria prestar um concurso público para conseguir um emprego melhor.

Em um ano completei o primeiro grau, no ano seguinte o segundo e aí já tinha percebido que não dava para parar. Melhor dizendo, eu não queria parar. Ao final daquele segundo ano, desde que voltara a estudar, me inscrevi no vestibular da Faculdade de Direito da UFMG. A bem da verdade, não me foi dado escolher o curso. Fiz o único que reunia duas qualidades de fundamental importância para mim: era gratuito e noturno. Eu tinha que continuar a trabalhar e já era arrimo de família. Não poderia estudar se tivesse que pagar a faculdade. Mas adorei o curso.

O vestibular que prestei, em 1968, foi o último só de questões só abertas, com prova oral e escrita. No ano seguinte já passou a ser de múltipla escolha. E eu tive a suprema felicidade de ser aprovada. Creio que não havia naquela faculdade uma pessoa tão feliz, tão realizada, pelo simples fato de ter conseguido chegar até ali.

E foi então que pude avaliar o que a leitura significou em minha vida, o quanto ela abriu meus horizontes. Estou certa de que foi, principalmente graças a ela, que consegui, depois de tanto tempo, vencer tão celeremente as etapas do Madureza e chegar a Universidade. Nos anos seguintes esta conclusão se tornou certeza, quando percebi que conseguia caminhar em igualdade, ou até em melhores condições que alunos oriundos dos melhores colégios.

Hoje estou aposentada e continuo amando os livros. Com três filhos e duas netas, sou uma pessoa muito feliz, de bem com a vida e com uma enorme vontade de espalhar felicidade e alegria ao meu redor, sempre envolvida em movimentos que lutam por um mundo melhor.

Criei e coordeno um grupo de seresta que tem por lema “Alegrar-se levando alegria aos outros”. E me tornei uma Contadora de Histórias. Contadora voluntária, conto nas Bibliotecas, em Escolas, em Grupos de terceira idade. E

até tenho me atrevido a ministrar Oficinas, visando divulgar tal atividade e promover cada vez mais, o surgimento de novos contadores.

Maria Lucia Miranda, 05/2005

Vovó Maria

Não tive o privilégio de conhecer meus avós paternos. Meu pai, retirante nordestino, veio para o sul ainda jovem, solteiro e nunca mais voltou lá. Quando, anos depois de sua morte, pude ir lá conhecer os parentes, meus avós já haviam falecido.

Meu avô materno morreu antes que eu nascesse. Assim, só conheci minha avó materna, vovó Maria. A imagem que guardo dela é de uma pessoa serena, austera, discreta, muito asseada, os cabelos presos num severo coque. Embora tenha convivido com ela na mesma casa, nunca me lembro de vê-la dando uma gargalhada, ou falando alto. Mesmo quando nos repreendia era num tom comedido. Também não era de falar dos seus sentimentos e nunca me lembro de ter recebido dela um abraço. O que não me impedia de sentir seu imenso amor e carinho.

Sua infância, embora dela pouco se saiba, deve ter sido a mesma das crianças muito pobres, que viviam no meio rural no final do século dezenove. Sem-terra, vivendo com a família que ia de fazenda em fazenda plantando para dividir com o dono da terra, morando em ranchinhos no meio do mato, começando desde cedo a ajudar os pais na dura lida diária.

Ao que me conste, meus tios pouco ouviram sobre a vida que seus pais tiveram, nem mesmo sabem muito bem onde nasceram. Parecem ter ouvido dizer que vovô veio de Caratinga, Minas Gerais. Após se casar com meu avô, Getúlio Basílio, um vendedor ambulante que se encantou por ela, a família morou em Divinópolis, onde nasceu minha mãe depois nas cercanias de Ribeirão das Neves, na região onde foi construída a Penitenciária e onde meu pai conheceu e se casou com minha mãe. Casa cheia de filhos, vovó trabalhava arduamente para ajudar a sustentá-los.

Um dia, depois de mamãe já casada e residindo em Belo Horizonte, resolveram

mudar-se para cá, afinal, meio tio João Basílio já estava rapaz e precisava trabalhar e eles queriam tentar um futuro melhor para todos. Meu avó Getúlio Basílio era muito trabalhador, mas só sabia plantar e colher. Para tentar sobreviver na cidade grande, fazia “biscates”. E foi assim que pegou a tarefa de cavar uma cisterna no bairro que hoje se chama Sagrada Família, mas naquela época era Vila Maria Brasilina.

Naquele dia, parou para almoçar a comida de marmita e entrou de novo na cisterna para adiantar o trabalho. Passou mal, foi levado para casa às pressas e morreu no mesmo dia.

Minha avó enfrentou muitas dificuldades, pobreza, mortes de filhos, mas tinha confiança inabalável em Deus. A prova disto é que seu filho João, meu tio querido, que compôs várias músicas, tem uma que diz assim:

“Ai, ai, ai
Não tinha dinheiro nem pra namorar
Minha mãe dizia
– ocê pode esperar
Pois Deus já deu muito e tem muito pra dar.”

Embora nunca tenha aprendido a costurar nem a usar uma fita métrica, vovó costurava para fora. Pedia à freguesa uma roupa que estivesse de bom tamanho, colocava por cima do tecido e cortava. Raramente necessitava de ajuste. Cobrava pouco, mas era um dinheirinho que ajudava nas despesas.

Durante os duros anos de vida no Taquaril, eu e minhas irmãs, tínhamos como único presente de Natal, um vestidinho que ela fazia para cada uma. Comprava retalhos de tecidos, em tiras de cores variadas (todas claras) e emendava. Naquele tempo em que só tínhamos um vestidinho para sair, vestido novo, ainda que de retalhos, era uma festa. Marcou-me muito o fato de que, no último Natal antes de mudarmos para mais longe, ela não teve dinheiro para comprar o tal tecido. Comprou, então, para cada uma das netas, uma baciinha de alumínio, pequenina, que imediatamente passamos a utilizar como prato na hora das refeições.

Como eu disse, após a morte do meu avô e o casamento de seu amado filho João, minha avó foi viver com a família dele. A nora Alice, que o filho fora garimpar lá em Divinópolis, era para ela mais uma filha muito querida e tenho certeza de que o amor era recíproco, pelos mútuos cuidados de que fui testemunha.

Vovó estava sempre disponível para ajudar qualquer filho que precisasse. Nas vezes em que mamãe precisou ficar hospitalizada, ela sempre ia ficar conosco, tomar conta da casa e dos netos.

Um fato acontecido numa destas vezes, foi especialmente marcante para mim e minhas irmãs. À época, morávamos na Cerâmica Santa Maria, nome do lugar que veio a se tornar a barragem Santa Lucia. Minha mãe, enquanto não saía para lavar roupa na casa dos outros, costumava fazer biscoito frito que eu, Dalva e Cleusa, íamos vender para os pedreiros que trabalhavam num bairro vizinho. Eu tinha uns doze anos de idade. Era dinheirinho para um pão, um caderno, uma verdura e outras miudezas. O balainho voltava sempre vazio, compravam todos.

Mamãe adoeceu e vovó foi tomar conta de nós. Sabedora das vendas, querendo que não perdêssemos os fregueses, ela fez os biscoitos, mas não sei porque eles não gostaram, o balaio voltou quase cheio. Muito pior que não ter trazido dinheiro, foi nossa preocupação com os sentimentos de minha avó, o medo que ela se sentisse humilhada por não terem gostado dos biscoitos dela. Nós a amávamos muito.

Os últimos anos de vida, vovó passou morando com minha tia Alzira, sempre procurando ajudar, sempre nos amando a todos com seu imenso e discreto amor. Morreu tão discretamente como viveu. Na época eu devia ter uns dezessete anos.

Sou gulosa mesmo!

Sempre achei ridículas as mulheres, sobretudo as mães de filhos pequenos, que se vangloriam dizendo: *“não como nada sem repartir com meus filhos, nem que seja um pedacinho para cada um”*. Eu nunca tive estas frescuras. Se a guloseima

era pouca, comia tudo e eles nem ficavam sabendo. E ainda aliviava a consciência concluindo: *“ora, eles ainda vão ter muito mais tempo que eu para comer coisas gostosas”*.

É, tenho que reconhecer que sou gulosa e não é de hoje. Da minha primeira infância guardo um episódio que já demonstrava isto. Morávamos na antiga Colônia Afonso Pena, hoje bairro Coração de Jesus. Todo domingo pela manhã papai ia religiosamente ao Mercado Central a pé, que nem ônibus havia, fazer as comprinhas de frutas e legumes para a semana. Deviam ser compras bem modestas e hoje percebo que aquela ida ao mercado era o lazer dominical de meu pai, oportunidade para bater um papo, fazer e cultivar amigos. Lembro-me com nitidez que mamãe sempre guardava os tomates, compra obrigatória, em um caldeirãozinho que colocava na tábua mais baixa da prateleira de madeira que ficava na cozinha. Certo dia, eu devia ter uns 4 ou 5 anos, depois do almoço, resolvi comer uns tomates sem pedir a mamãe, mesmo porque ela talvez não os desse. Sem que ela percebesse, fui pegando um por vez, até comer quase todos. Não me lembro quantos comi, só sei que parei quando não cabia mais. Quando comecei a passar mal, mamãe certamente não teve nenhuma dificuldade para descobrir o que ocorrera. Bastou olhar o que eu “devolvia” e ver o caldeirão de tomates, quase ou totalmente vazio.

Doutra feita, já na fase dos meus seis ou sete anos, transitávamos eu e mamãe pela Avenida Afonso Pena, quando, em frente à Prefeitura, encontramos uma amiga de minha mãe que ela não via há tempos. Referida amiga trazia um balaio com frutas e legumes que comprara no Mercado Central. Conversa vai, conversa vem, vislumbrei no balaio uma penca de bananas bem maduras. Sem a menor sutileza, interrompi a conversa e falei com minha mãe que queria banana. Ela disse que iria comprar para mim assim que chegasse me casa, típica resposta “engambela menina” (hoje a palavra engambelar virou, não sei por qual motivo, engalobar). Mas eu, que não era nada boba, repeti que queria banana agora, porque estava com fome. Comecei a chorar e a amiga de mamãe viu-se constrangida a dizer que iria me dar umas bananas. Mamãe entendeu o que estava acontecendo e coitada, delicada como era, educadamente agradeceu e recusou e me mandou esperar chegar em casa. Intensifiquei o choro e acabei ganhando umas duas bananas, sob as vistas de mamãe, constrangida, morta de vergonha. Não me lembro se ganhei um “sermão”, ou

se apanhei ao chegar em casa, só sei que devorei as bananas sem o menor peso na consciência.

Outro momento de gulodice que ficou em minha memória ocorreu quando eu tinha uns 10 anos de idade. Todos os dias quando se despedia de mim para eu seguir para a escola, meu pai me dava uma moedinha, que devia valer uns 0,30 centavos, para eu comprasse algo para comer quando voltasse da escola, pois tinha que caminhar 6 quilômetros até chegar em casa para almoçar. Já naquela época eu tinha certeza de que era um grande sacrifício para ele dar-me aquela moeda, tirado do seu magro salário de pedreiro, com o qual tinha que sustentar uma família de nove pessoas. Eu me sentia muito privilegiada, muito importante por receber aquele dinheiro. Às vezes acontecia de eu guardar o dinheiro para comprar algo no caminho de volta. No dia ao qual me reporto, voltava com minha moeda, quando encontrei alguém vendendo um grande araticum e verifiquei que custava a minha moeda. O vendedor partiu a fruta para mim e eu comecei a comer. Logo vi que era grande demais para o meu estômago, mas também não dava para levar para casa. Quanto à hipótese de jogar fora ou dar para alguém, nem pensar. Mesmo porque meu caminho era deserto. Me entupi de araticum e já cheguei em casa passando mal. Até hoje, não posso sentir o cheiro do araticum sem sentir repugnância.

Já na faixa dos 12 anos de idade ocorreu outro fato que ficou na memória. Mamãe me deu uns trocadinhos para eu ir ao Mercado Central comprar umas coisinhas. Uma penca de banana, um repolho, umas cebolas, alguns tomates. Estiquei o dinheiro e comprei um abacaxi, destes muito maduros, que estava baratinho. Mas já comprei planejando come-lo sozinha. Escondi-o debaixo das demais compras e ao chegar em casa peguei o dito cujo e fui me esconder na “casinha”, ou privada, localizada nos fundos do terreno. Lá estava eu bem satisfeita, saboreando meu abacaxi, indiferente ao mau cheiro da fossa, quando mamãe começou a procurar pela faca. É que só havia uma faca em casa e mamãe precisava dela para preparar o almoço. Ninguém dava notícia da faca muito menos de mim. Daí a pouco saio eu da “casinha” muito lampeira, a faca na mão, cara toda lambuzada de caldo de abacaxi. Não me lembro, mas devo ter levado uma bronca daquelas.

Quero finalizar falando da minha paixão por mangas. Principalmente sapatinha, a primeira que experimentei, pois havia um grande e frondoso pé no quintal da

casa onde me entendi por gente. Mas se não tiver a sapatinha, vai qualquer outra, até mesmo estas que são tipo exportação e têm gosto de abóbora. Diante de um cesto de mangas amadurecidas no pé, perco as estribeiras, perco a compostura. Só paro quando já não cabe mais nada no estômago. Paro só um pouco, mas se sobrar alguma, dali a umas duas horas lá estou eu de novo.

Isto para falar só em frutas. Para doces até que não dou bola. Mas não venham tentar-me com um pão de queijo quentinho, uma lasanha caseira, etc., adeus dieta. Mamãe dizia amiúde: *“êta menina esgubilada!”* Tenho que reconhecer: *“Sou gulosa mesmo”*.

Seria o primeiro emprego

Foi com a amiga de uma das senhoras para quem lavava roupa lá no Bairro Santo Antônio, que conseguiu um trabalhinho para mim. Mamãe comentou que eu tirara o diploma de corte e costura e precisava adquirir prática. A madame era modista, como se dizia naquela época e precisava de uma ajudante. Eu tinha doze anos e muita vontade de trabalhar. Comecei muito feliz, ia logo após o almoço e ficava até a noitinha, tinha café á tarde, ganhava umas moedas, tudo ótimo. Desmanchava as costuras segundo era orientada (a patroa fazia muita reforma e conserto em roupas), varria o chão, recolhia os alfinetes, etc.

Devo ter ido umas seis vezes, até o dia em que ela, já mais confiante, me entregou a tarefa de tirar a ponta de uma saia de godê duplo. As saias de godê duplo, para quem não sabe, tinham uns três metros de rodo e, invariavelmente, davam pontas, que tinham que ser cortadas. A madame explicou-me pacientemente como fazer. Devia medir com a fita métrica a partir da cintura, e ir marcando com alfinete, sempre a mesma altura até a bainha, para só então cortar. Significava marcar umas 30 ou mais vezes, marcação que deveria durar mais de uma hora. Comecei animada, fui marcando, marcando, comecei a sentir cansaço, talvez sono, sei lá. O que sei é que, a certa altura decidi que poderia cortar sem medir e não pensei duas vezes. Comecei a cortar o que já estava marcado e fui enfiando a tesoura na saia na base do olhômetro. Nem uma vez a patroa veio ver o que eu estava fazendo, numa atitude, não sei se de confiança, se de imprudência. Ou talvez ela não pensasse que eu fosse capaz

de não cumprir sua ordem. Entreguei-lhe o trabalho pronto, ela guardou e eu fui embora.

Ao final do dia seguinte ela me falou que iria fazer uma viagem, não sabia por quantos dias. Mas eu poderia ficar tranquila, ela me avisaria tão logo chegasse. Esperei, esperei e nada. Até que um dia, passados uns três meses, caminhando pelo centro da cidade, dou de cara com ela na Avenida Amazonas, esquina com Curitiba. Cumprimentei-a feliz e perguntei se eu já poderia ir trabalhar no dia seguinte. Ela explicou que acabara de voltar e que ainda não estava costurando, mas que eu poderia ficar tranquila que ela me avisaria. Estou esperando até hoje. Quando contei este caso para minha amiga Rosana, ela viu grande delicadeza nesta forma de agir da madame, cujo nome não me lembro mais.

Mas o que me causa espanto e me faz duvidar da inteligência que alguns me atribuem, é o fato de que só uns 30 anos depois é que fui relacionar a perda do meu primeiro e único trabalho como costureira, à minha falta de competência para tirar pontas em saia de godê duplo.

Primeiro emprego

Aos treze anos de idade, eu estava louca para trabalhar. Desiludida com a carreira de costureira, fiquei feliz quando uma das assistentes sociais que volta e meia apareciam na Cerâmica falou com meu pai sobre um emprego no pensionato. Ela disse ser um lugar de respeito, onde eu teria que ficar durante toda a semana, só vindo em casa aos domingos. Mamãe foi comigo para obter mais detalhes. Tratava-se de um local administrado por uma congregação religiosa de irmãs holandesas que não usavam hábito. Uma casa antiga, de dois andares e porão (onde moravam as empregadas), localizada no bairro Cruzeiro, na Av. do Contorno, 5.531, esquina com Rua Piumhy. Chamava-se Casa das Estudantes e sua clientela majoritária era de jovens filhas de fazendeiros ou de pessoas abonadas que moravam no interior, que vinham fazer faculdade na capital. Eram de 20 a 30 jovens que lá se hospedavam e só iam em casa nas férias.

Entendimentos feitos, decidiu-se que eu iria trabalhar na função de copeira, sendo que havia lá uma cozinheira e uma arrumadeira. Juntei meus trapinhos,

comprei a minha primeira bolsa num bazar de objetos usados e lá fui eu para o trabalho.

Logo me integrei na rotina. Eu acordava com despertador tocando às 5:45 da manhã e à 6:00 já estava na cozinha. Punha o leite para ferver, a água para fazer o café e ia pegar o pão que o padeiro deixava no portão. Quando às 6:30 chegavam as que tomavam o café mais cedo, tudo estava preparado para servi-las. Mesa posta, leite fervido, café coado, pão fatiado, manteiga. Quando terminava o horário do café, eu recolhia o resto da louça usada, levava para a cozinha, lavava e guardava tudo, A seguir, limpava as mesas, varria e passava enceradeira no salão de refeições. Ia então ajudar a cozinheira com o almoço, descascando e picando legumes, preparando a sobremesa.

Daí a pouco chegava a hora do almoço e eu voltava a pôr a mesa e repetia a rotina: leva travessa cheia, traz vazia, tira pratos e talheres usados, leva limpos, etc., etc., até lá pelas 13h30. Aí eu recolhia as travessas e o resto das vasilhas usadas e, enquanto a cozinheira lavava, eu secava e guardava tudo.

Terminada esta parte varrida a copa, a cozinheira ia descansar e eu tinha que preparar o café da tarde. Quando terminava de servir e lavar as vasilhas já era quase 16:00h e aí era a minha hora de descanso. Nesta hora eu tomava banho, lavava a minha roupa e costumava sair para dar uma volta pelo bairro. Às 17:45h eu voltava para ajudar a cozinheira que preparava a sopa que era servida por mim à noite. Sopa servida, vasilhas lavadas e guardadas, manteigueirinhas cheias para o dia seguinte, terminava o meu dia de trabalho, lá pelas 19:30h.

Embora algumas pensionistas fossem arrogantes, não dando bola para mim, outras, no entanto, eram bondosas, acho que ficavam penalizadas com minha magreza e com o tanto que eu trabalhava. Estas me chamavam para ouvir música no rádio de seu quarto, me emprestavam livros, conversavam comigo, corrigiam meu português. Havia até uma, mais velha que as demais, de nome Maria José, fisionomia triste, parecendo muito solitária, que me convidava para sair com ela à noite. Pagava minha passagem, íamos ao centro da cidade, caminhávamos pelas ruas e às 22:00h estávamos de volta. Foi graças à sua generosidade que entrei pela primeira vez num cinema. Foi no cine Pathé, para assistir Anastácia, a Princesa Esquecida. Fiquei deslumbrada.

Depois de dois meses esta rotina foi alterada. A arrumadeira pediu as contas e a maior parte de sua tarefa foi passada para mim, que tive que correr mais ainda. Entre o café e o almoço, eu tinha que varrer e espanar os quartos, fazer as camas, lavar os banheiros e, uma vez por semana, encerrar tudo, inclusive a grande capela onde aos domingos eram celebradas missas.

Minha folga era uma tarde de Domingo a cada quinze dias, pois ora eu, ora a cozinheira tinha que ficar para preparar o lanche da tarde. Eu saía depois do almoço, lá pelas 14:00h e tinha que estar de volta segunda bem cedinho.

Entrei para lá em outubro e naquele Natal ganhei presente: uma combinação de jersey, uma lata de talco, um sabonete. Me senti super feliz. Naquele Natal, também comprei presentes para minhas irmãs: um brochinho de metal pintado, no formato de bailarina, que não devia custar mais que um real cada. Mas elas gostaram tanto que se recordam até hoje. Passei a ganhar, também roupas e calçados usados das moradoras o pensionato. Eu trabalhava muito, mais não me queixava. Como, também, não me queixava do salário de miséria que ganhava. Comecei ganhando Cr\$ 400,00 e, com o aumento das tarefas, fui aumentada para Cr\$ 600,00. Isto numa época em que o salário mínimo era de Cr\$ 3.300,00 e menores ganhavam a metade, Cr\$ 1.650,00. Ou seja, eu ganhava menos de 20% do salário mínimo. Muito tempo depois é que a empregada doméstica passou a ter alguns direitos trabalhistas.

Eu sempre dava um pouco do que ganhava para ajudar nas despesas. Mamãe que não podia mais sair para lavar roupa, pois não havia mais quem tomasse conta dos pequenos, começou a pressionar para eu saísse de lá a procurasse um emprego melhor onde trabalhasse menos e ganhasse mais.

Mas eu, acomodada, comendo muito bem, engordando como uma porquinha, não desejava mudar de emprego. Mas minha mãe foi inflexível. Insistiu que eu “não tinha estudado, tirado diploma”, para trabalhar como doméstica. Naqueles tempos, metade do século passado, para os mais pobres, ter diploma do quarto ano primário era privilégio de poucos. Quando viu que eu estava de corpo mole, foi lá, falou que eu ia sair de qualquer jeito e me levou embora quase arrastada. Sai chorando mais depois agradei a minha mãe, pois se dependesse de mim permaneceria lá por muito tempo ainda. Certamente teria

chegado aos cem quilos. E ainda dizem que aos 15 anos a gente sabe tomar decisões na vida.

Primeiro dinheiro

O dinheiro sempre foi pouco em nossa casa, só dava para o estritamente essencial. Aos doze anos, Mamãe lavava roupa pra fora e eu tomava conta da casa e de meus irmãos, fazia comida, mandava as maiores para a escola. Por isto fiquei muito feliz quando minha tia Maria me propôs um modo de ganhar um dinheirinho, lavando roupa.

Eu ia à casa dela toda semana, pegava uma trouxa de roupa e levava para lavar em casa. Junto com a roupa, iam uns dois tabletes de sabão que ajudavam a lavar também a nossa roupa. Eu lavava a roupa rapidamente e levava de volta (sem passar, porque o ferro de passar era de brasa, muito pesado para mim), ganhando uma nota de cinco, qualquer que fosse o dinheiro da época. Creio que valia mais ou menos o que valem os cinco reais de hoje.

Já naquela época, eu tinha a certeza de que era uma forma que ela via de ajudar a gente, pois ela poderia conseguir lavadeira mais experiente perto de casa. Lavei roupa para ela até ir para o pensionato e não me lembro do que fazia com o dinheiro. Na certa dava para mamãe para ajudar nas despesas. Só me recordo que os primeiros recebimentos, fiz questão absoluta de destinar a uma determinada finalidade: comprar um livro que eu lera na escola e que me encantara. Era “Histórias da Avozinha”, um livro com mais de 40 estórias de contos de fada dos mais variados. Meus pais não fizeram nenhuma objeção, creio mesmo que aplaudiram a ideia. E assim, durante muitas noites, nós nos reuníamos à luz da lamparina, eu lendo e relendo, meus pais e irmãos ouvindo, encantados, as estórias de fadas, reis, príncipes, assombrações, etc. Apesar de todas as dificuldades, a gente a gente era bem feliz.

História da Família Basílio

Por João Basílio

A História de João Basílio

Vou contar a minha vida, de tudo que sou consciente desde quando eu fui nascido e o que me vem acontecendo até o dia presente. Eu nasci num lugar chamado Mato Grosso e mudei para o Cacique em Ribeirão das Neves. Lá era assim, a água era de poço e nossa casa era um rancho de pau a pique e coberto de capim. Não se comprava nem vendia, o papai plantava e colhia a nossa alimentação. Tinha mandioca pra comer com o feijão, tinha inhame chinês para fazer o sopão e tinha cana que adoçava o café que eu catava na fazenda do patrão. Era eu mesmo que apanhava no pé, por isto deixava cair mais um pouco no chão.

Depois fizeram uma cadeia no lugar, o estado tomou os nossos meios de plantar e ficamos todos sofrendo pois não tinha mais o terreno para fazer nosso alimento. Aí ficou diferente e mudou toda nossa sorte e não tinha mais fartura do alimento que era forte, pois comíamos jiló sem gordura e farinha de mandioca.

Foi muito duro mas mudamos para o arraial e fizemos um barraco no terreno da Igreja. Por muito ruim que seja deu para morar uns meses cortando lenha no mato até os ombros ficarem doendo, mas aquilo não estava rendendo dinheiro suficiente para pagar o sustento. Eu falei com o meu pai: - Vamos para Belo Horizonte porque lá tem muita fonte para a gente trabalhar. O papai me respondeu: - Posso até te atender, mas morar em lugar grande é ruim até para morrer. Eu respondi: - O que o senhor disse é fácil de entender, mas morar em lugar pequeno é ruim também para viver.

Então nós resolvemos e juntamos nossos cacos e fomos para Belo Horizonte para morar em um buraco cheio de rãs e sapos, que faziam tanto barulho que eu nem podia dormir, mas eu enquanto esperava que alguma coisa progredisse, foi quando o patrão me disse: - João, vamos sair daí, eu preciso do terreno, vou demolir isso tudo.

Mas eu tinha um outro amigo de amizade antiga, o qual eu nem conhecia bem. Ele me falou: - João, vamos para o Bairro Sagrada Família, tenho lá um bangalô que vocês podem morar enquanto você precisar. Juntamos as nossas coisas, eu, a mamãe, minhas três irmãs e o papai.

Um dia estava eu e meu pai trabalhando, por incrível que pareça, coisa que eu não me esqueço, ele me falou: - Ô João, eu já vou-me embora, estou com muita dor de cabeça. Eu disse: - Pode ir meu pai, estou acabando com a massa, agora mesmo desço. Depois de uns cinquenta minutos eu tive um grande susto, ao entrar dentro de casa o papai estava deitado e ele já nem falava e nem pode me conhecer. Em vinte e quatro horas ele chegou a falecer, mas aconteceu um problema, nós não tínhamos o atestado de óbito para fazer o enterro e os médicos tiveram que abrir o corpo para saber de que ele morreu para então poder enterrar. Depois de tudo arrumado eu fiquei desesperado e disse à minha mãe: - Mamãe, agora perdi meu pai, companheiro e amigo de todas as horas, ele não volta mais, mas quando eu for embora eu encontro com ele lá, no Santo Reino da Glória, quando Deus me mandar.

Passado mais ou menos um ano eu perdi também uma irmã de morte inesperada, pois eu viajei e logo que eu cheguei recebi um telefonema dizendo que Ana morreu. Vim correndo para casa e quando cheguei esta Ana que morreu estava na hora de sepultar. Eu tive muita tristeza, mas tenho grande certeza que ela foi direto para o céu, para com Deus morar.

Músicas de João Basílio



João Basílio compôs diversas músicas, tendo o filho caçula, Gilvan, gravado “As dez mais” com arranjo e órgão, João Basílio e Alice Maria, em dueto, cantando. As letras das músicas de João Basílio foram reunidas e são apresentadas nas páginas a seguir.

Para ouvir as gravações, basta acessar o link que acompanha cada letra ou ler o QRcode com o smartphone.

Para ouvir a playlist com todas as músicas, acesse: goo.gl/bM33VD

Baixe no seu celular um aplicativo leitor de QRcode para acessar as músicas com facilidade. Um bom aplicativo para Android é o QR Droid.



Bodas de Ouro

*As nossas Bodas de Ouro
Trazem pra nós alegria
Cinqüenta anos de amor
Tendo criado a família
Feita por Deus Criador
Dono desta criação
E foi com muito amor
Que fiz esta geração*

*Obrigado, Deus e Senhor
Porque o Senhor faz e cria
Obrigado minha esposa
Porque criou a família
Obrigado, filhos e noras
E aos meus netos também
Obrigado, minha filha
E ao genro e amigos que tenho*

*Desejo a todos nós
Viver na paz e muito amor
Viver na boa harmonia
Com muita força e muita alegria
Amar nossos irmãos
Com muita fidelidade
Que Deus nos abençoe
Aqui nesta vida e na eternidade*



youtu.be/qeDZVZcWqp4

Cordas da Minha Viola

*Estas cordas da minha viola
Batem forte no meu coração
Elas têm um tinido sonoro
Que me traz uma
recordação*

*Quando eu era mocinho mais novo
Eu gostava de valsa de roda
Eu entrava no meio do povo
Dançando, cantando e tocando
viola*

*Na idade eu quis me casar
Não tinha dinheiro nem pra
namorar
Minha mãe me falava tu deves
esperar
Pois Deus já deu muito e tem muito pra dar
Ai, ai, ai
Não tinha dinheiro nem pra
namorar
Minha mãe me falava tu deves
esperar
Pois Deus já deu muito e tem muito
pra dar*

*Me casei e mudei pra cidade
Hoje eu sou homem realizado
Pois eu tenho nove filhos criados
Ô que beleza, são todos formados
Ai, ai, ai
Não tinha dinheiro nem pra namorar
Minha mãe me falava tu deves esperar
Pois Deus já deu muito e tem muito
pra dar*



youtu.be/s57TtqyK-FQ

Minha Idade

*Está chegando a minha idade
Porém eu não vou chorar
Já acabou a mocidade
E chegou uma saudade
Do meu tempo que não
volta mais*

*Eu já deixei o meu trabalho
Mas não é pra descansar
Eu quero é muita alegria
Já comprei a fantasia
Prá brilhar no carnaval*

*Tocando o meu cavaquinho
O pandeiro ou violão
Fazendo o meu sambinha
Bem ligeiro ou bem canção
Eu levo a vida como eu vivo*

*É para ter um grande alívio
E não sofrer com a tristeza e a dor
Sou sambista seresteiro e
vou cantar pro mundo inteiro
E querer só a paz e o amor*



youtu.be/99Cyglyq-Gw

Versão voz e violão:



youtu.be/AVmVM3cGUrc

Dois Minutinhos

*Mulher olhe pra mim
Estou gostando muito
Do seu jeito assim
E se você quiser
Sou seu amigo e te direi
Os sonhos que contigo sonhei*

*Um dia eu sonhei
Que contigo viajava
Suas mãos eu afaguei
E seus ombros abraçava
Durou dois minutinhos
E o meu sonho acabou
Agora fale baixinho
Se você também sonhou*

E olhe mulher...

*Eu lhe respeito
Você deve acreditar
Que ainda não tive um jeito
Para contigo falar
Que eu já avisei minha família
Que te amo como filha
E te tenho amor de pai*



youtu.be/yCCMINAF81Q

Neguinha Bonita

*Ô neguinha bonita
Não sei se te deixo
Não sei se fico
Assim com você
Pois se tens outro amor
E me faz umas queixas
Que eu não posso crer*

*Diz que ele é boa praça
Mas não lhe beija
Nem lhe abraça
Não mostra um desejo
Não faz uma graça
Se casas com ele
O que queres não acha*

*Pois o homem que quer uma mulher
Só para lavar e cozinhar
Mesmo que ele dê tudo o que ela
quer
Mas lhe falta amar e acarinhar
A mulher que tem vida
Só casa e comida
Não lhe faz feliz
E bem constrangida
Ela passa a sair
Não xinga, não briga
E vai passear
Pra distrair, Pra paquerar
Pra paquerar...*



youtu.be/VS1WvbJKEV0

Ano 2000

*Quero viver depois do ano 2000
E tenho certeza que esta
beleza eu vou conseguir
Só uma coisa é meu desejo
profundo
Se não viver nesta terra
Vou viver no outro mundo*

*Pouca gente acredita
Que a morte é ilusão
Que viver é infinito
Seja ruim ou seja bom*

*Quem quiser viver no céu
Tem que ter bom coração
Ter amor ao grande Deus
E ter amor ao seu irmão*

*Este mundo é uma escola
Onde se deve aprender
A ciência desde agora
Para viver sem sofrer*



youtu.be/WPwGwVQRvf0

Se Eu Errei

*Se eu errei
Me perdoa mulher
A culpa é toda sua
Procurei seu amor
Você não deu
Fui procurar na rua*

*Eu quero ver se amanhã
muito cedinho
Depois que eu tomar
cafezinho
E sair pra trabalhar
Se você não se despedir
Com abraços e beijinhos
Visto meu terno de linho
E vou sair pra passear*

*Pois é, eu sei porque que
você fica tão nervosa
A família numerosa põe a
cuca pra queimar
Mas eu vou lhe dar
O meu conselho de amigo
Vamos passear comigo
E deixe essa turma pra lá*

Se eu errei...



youtu.be/8RVuVI570yc

Conselho Espiritual

*Peço a vocês meus amigos
Não façam coisas ruins
Não desesperem à toa
E só pensem em coisas boas
Pois a vida é assim*

*Não canso de explicar
Vocês não querem entender
Que este mundo é uma escola
Onde toda gente deve aprender
Comece desde agora estudando
A ciência para não sofrer*

*Estude a vida espiritual
Que temos Jesus Cristo a nos
ensinar
Que o espírito é que é o eterno
E que a vida aqui na terra vai se
acabar*

*Devem fazer caridade
E perdoar seu irmão
E quanto mais perdoarem
Que Deus lhe dará o seu perdão
Pedir a Deus criador
Dono desta criação
A fé, a paz e o amor
Para alegrar seu coração*



youtu.be/YGujA_h3T74

Versão instrumental:



youtu.be/GbXB4creshU

Alice Maria

*Eu hoje tenho
Cinqüenta e dois
Anos de idade
E 28 anos de casado
Com a mulher
Que é Alice Maria
E quero a felicidade
De noite e de dia*

*De manhã eu me levanto
Ela me dá cafezinho
Quando chego do trabalho
Me alimenta direitinho*

*Mas na hora de deitar
Ela fica na cozinha
Me deixa pegar no sono
Só pra não me dar carinho*

Eu digo

*Alice vem cá
Do trabalho tenho precisão
Se você quer me aposentar
É por sua decisão.*



youtu.be/xdqACYPh-w4

Pirraça

*Mulher, vê se me trata direito
Porque se não der um jeito
Eu vou-me embora
Eu quero que isto não aconteça
Por incrível que pareça
Não quero que você chore*

*Pois toda vez que eu chego em casa
Você se transforma em uma brasa
Para mim
E hoje não me beija e não me
abraça mais
Fica fazendo pirraças tais
Só pra eu deixar pra lá*

*E quando vou fazer as minhas queixas
Você diz me larga, me deixa
Porque suas queixas não vão me
dobrar”*

*São 30 anos que eu tenho
De casado com você
Mas mesmo assim no amor
Ainda quero viver*

*Por isso eu lhe peço
Transforme o seu coração
Se por fora eu sou velho
Por dentro eu não sou velho não*

Ô mulher...



youtu.be/s-enMYFmXTQ

Você Não Me Ama

*Você não me ama
Você não me quer
Você não me engana
Se é boa dama
E uma linda mulher*

*Quando me vejo louco
Te peço um beijo
E você não dá
Fecha a sua boca
E assim este beijo não pode entrar*

*Pra dizer a verdade
Eu sinto saudade
Do meu tempo bom
Que tinha mulher de bom coração*

*Me fazia a vontade
Sem reclamação
Fazendo o que eu queria
E achando até bom*

*É por isto que eu choro
Minhas lágrimas escondido
Sou homem desiludido
E não quero mais o amor*

*Com aquelas mulheres
Que me são muito fingidas
E não têm correspondido
O carinho que lhes dou*

*Eu já não tenho ninguém
Que corresponda ao meu carinho
Ou é um defeito que eu tenho
Ou é o final do meu caminho*

*A mocidade já foi
A minha idade já chegou
Mas seja do jeito que for
Eu quero viver minha vida
Com muita alegria e muito amor
Alegria e muito amor
Alegria e muito amor*

Victor

*Menino Víctor
Hoje estamos felizes, contentes
Porque comemoramos
O dia do seu nascimento
Você veio trazer
Muita alegria e prazer
Para os seus pais
E os parentes de você*

*Você foi vivendo e crescendo
No mundo pequeno
Do corpo da mãe
E hoje você nasceu
Para viver no clarão
Da luz de Deus*

*Que Deus esteja contigo
A todo minuto e segundo
Pra te livrar dos perigos
De todos os males do mundo*

*Foi Deus que fez o cravo em flor
neste chão
Ele nasceu e desabrochou no verão
Ele simbolizou o amor entre os dois
Que são os progenitores do mesmo
Victor
Que Deus, no amor
Me deu o espírito para viver
em libertação*

*Esta música te oferecemos
Como prova de um grande amor
E te damos as nossas bênçãos
Em nome do Criador
E nossos parabéns a você
E que Deus te abençoe
Em todo o seu viver*

*E nossos parabéns a você
E que Deus te abençoe
Em todo o seu viver*

As Meninas

*Eu gosto de vocês meninas
Mas meu amor tem que ser de pai
Eu preciso te dizer meu destino
Que desde menino
Quando eu amo meu amor é demais*

*Eu sei também que você me ama
E certamente o seu amor é de filha
Você pertence à minha família
Porém nosso amor não há nada de
mau*

*Eu quero ser o seu pai adotivo
Que para isto existe motivo
Quero você como filha adotada
Que por sua bondade
Na minha família é muito amada*

*Eu amo o mundo com tudo que nele
existe
Tenho amor profundo ao mestre Jesus
Cristo
Que fez a terra, o céu e o mar
A lua, as estrelas no céu a brilhar
O sol fecundo que veio ao mundo
Para nos aquecer e nos iluminar*

*Por isto que devemos amar
Do jeito que Jesus amou
E por isto que devemos amar
Amar e dar o amor*

Oitenta Anos

*A vida é boa
Para quem sabe viver
Este mundo tem coisas
Que devemos aprender
E ter muita paciência
E viver com muito amor
Estudando a ciência
Do espírito criador*

*Eu hoje tenho
Oitenta anos de idade
Mas não ando preocupado
Com o fim desta jornada
Eu sei que o corpo falece
Nesta terra permanece
E o espírito quando merece
Vai viver com Deus no céu*

*Hoje eu estou realizado
Tenho uma esposa e nove filhos
bem-criados
E eles todos têm muito me ajudado
Eles querem ser meus pais
E que eu seja o filho muito amado
Jesus Cristo me ajudou
Me deu vida melhorada
Por isto hoje eu tenho tudo
E não me falta mais nada
Graças a Deus porque tem me ajudado
Muito obrigado oh meu Deus
Muito obrigado*

Samba de Rebolar

*Vamos dançar
O samba de rebolar
Quem não rebola é porque
Não sabe dançar*

*O samba é muito gostoso
Rebolando direitinho
Com um jeito amoroso
Com o rosto encostadinho
Quando o homem é carinhoso
E a mulher é chegadinha*

Vamos dançar...

*Quando eu era solteiro
E gostava de dançar
Ficava na paquera
Até o dia clarear
Com a minha companheira
Ainda ia passear
Arranjava um travesseiro
Para nós dois descansar*

Vamos dançar...

*Chegava segunda-feira
Era dia do fracasso
A ressaca e cansa
Não me deixava trabalhar
O meu chefe me mandava
Para casa descansar
Em seguida me falava
Não precisa mais voltar*

Vamos dançar...

Terceiro Milênio

*Está chegando o terceiro milênio
Acho que sou muito pequeno
E não vou chegar lá
Mas vou rezando a Jesus Nazareno
Que me faça ir crescendo até alcançar*

*A vida aqui é muito boa
Porque é Deus que nos dá
Não devemos ficar à toa
Devemos também trabalhar
Fazendo só coisas boas
E tudo o que Deus mandar*

*Eu quero viver depois dos dois mil
Isto só se Deus quiser
Mas se ele não permitir
Quero morar com Jesus lá no céu
Cantando louvores a Nosso Senhor
Cantando louvores a Deus nosso criador
Amor, amor, amor a Nosso Senhor
Amor, amor, amor a Jesus Salvador*

Quero Louvar

*Quero louvar e adorar
Este Jesus que veio ao mundo pra nos
salvar
Veio trazendo o perdão
Que curando e perdoando
Ele nos dá libertação*

*Como ele é bom
Ele tem força que expulsa satanás
Tira o espírito no que atrapalhar
Tira também toda doença corporal*

*Ele é nosso Senhor, nosso mestre Jesus
Que por amor a nós foi pregado na cruz
E por nossos pecados ele morreu
crucificado
E foi ressuscitado e está vivo em nós*

Nasceu Jesus

*Nasceu Jesus
Que veio ao mundo
Trazer-nos a luz
Seu amor fecundo
À paz nos conduz
Nasceu de Maria em Nazaré
É filho adotivo de São José
E veio trazer-nos a lei do perdão
E deu-nos a remissão*

*O seu nascimento nos veio alegrar
E no sacramento nos alimentar
És nosso Deus, nosso Pai e irmão
Dê-nos a paz e a união*

*És Pai, és Filho, és o Espírito Santo
Espalha seu brilho por todos os cantos
Vem ó Jesus, vem nos ajudar
O peso da nossa cruz a carregar*

Saída da Escravidão

Graças a Deus

Eu saí da escravidão

Graças a Deus

Não sou mais escravo do patrão

Pela vida que eu vivo

E neste samba

Eu explico o motivo

Trabalhei por muitos anos

Nas garras de meus patrões

E ganhava pouca grana

Não dava nem pro feijão

Mas eu agora já estou realizado

Pois já sou aposentado

E não vou mais trabalhar

E hoje em dia não me esquento a cabeça

Quero sombra e água fresca

Para a vida aproveitar

Disse Que Não

*Existe uma mulher que eu amo
Que até já dei meu coração
Mas quando vou me aproximando
Ela me diz que não, que não*

*Ela disse que tem um namorado
Que eles até já moram juntos
E quando vou falando a seu lado
Ela dá uma risada e sai do assunto*

*Quando eu vou propondo o meu carinho
Ela não corresponde e me deixa sozinho
Eu já cheguei a uma conclusão
Que amar demais, isto não fica bom
Vou dar remédio pro meu coração
Pra ele não sofrer e não morrer de
paixão*

*Não quero mais amar apaixonado
A mocidade já foi, não volta mais
O meu carinho eu faço
Cheio de beijos e abraços
Quando convido para passear
Ela diz que não vai dar não*

Minha Vida

*Lá no deserto do Cacique eu nasci
Em um rancho de pau-a-pique
E coberto de capim
Eu fui nascido e criado
Num lugar desconfortado
Na fazenda do Chiquinho*

*Não se comprava e nem vendia
O papai plantava e colhia
Nossa alimentação
Tinha mandioca pra comer com feijão
Tinha inhame chinês
Para fazer o sopão*

*Lá tinha cana que adoçava o café
Que eu catava na fazenda do patrão
E era eu quem apanhava no pé
E por isto eu deixava cair
Mais um pouco no chão*

*Depois fizeram
Uma cadeia no lugar
O Estado tomou
Os nossos meios de plantar
E nós mudamos pra cidade
E com muita dificuldade
Conseguimos controlar*

*Eu fui na roça
Procurar uma menina pra casar
Eu arranjei
E seu pai deu quinze dias pra
arrumar
Sem conhecer a família me casei
Com três semanas
E o que a mulher me deu
Foi onze filhos em vinte anos*

Samba do Velho

*O povo diz que eu sou velho e acabado
Eu sou e digo obrigado
Eles dizem com razão*

*E eu repito
Que sou velho na idade
Mas eu guardo a mocidade
Dentro do meu coração*

*Ainda toco cavaquinho
Um pandeiro e Violão
Eu gosto de um sambinha
Brasileiro e bem canção*

*Também eu danço
O samba batucada
Com a mulher desenrolada
Que agüenta o meu rojão*

*Com as mulheres
Eu não tenho essa ilusão
Não faço o que elas querem
Eu não quero confusão*

*Porque na minha casa
Eu tenho de noite e de dia
A chefe da minha família
E dona do meu coração*

Alessandra

*A Alessandra, Alessandra Mara
Menina risonha, que é coisa mui rara
Quando quer pedir para alimentar
Começa a sorrir em vez de chorar
Quando quer dormir começa a
resmungar*

*É uma princesinha de olhos
castanhos
Ver sua gracinha até parece um sonho
Eu peço a Deus que lhe abençoe em
todo o seu viver
Dando paz e amor, vida com prazer
E que o criador esteja sempre com
você*

*A Alessandra, Alessandra Mara
Menina risonha, que é coisa mui rara
Quando quer pedir para alimentar
Começa a sorrir em vez de chorar
Quando quer dormir começa a
resmungar*

*É uma princezinha de olhos castanhos
Ver sua gracinha até parece um sonho
Eu peço a Deus que lhe abençoe em
todo o seu viver
Dando paz e amor, vida com prazer
E que o criador esteja sempre com você*

Juninho

*Amigos e meus vizinhos
Quero avisar pra vocês
Nasceu meu primeiro netinho
Trazendo alegria e prazer
Ficamos admirados foi com a festa
que ele fez*

*Saudamos Juninho com muita
amizade
Ele é bonito, ele é um amor
Pra ele pedimos a felicidade
Com as bençãos de Cristo e de Deus
criador*

*Quando ele estava chegando
Na noite de São João
Fogueira estava queimando
Estava subindo balão
O povo estava soltando
Os foguetes de rojão*

*Saudamos Juninho com muita
amizade
Ele é bonito, ele é um amor
Pra ele pedimos a felicidade
Com as bençãos de Cristo e de Deus
criador*

Juna

*Ô Juna, eu não sou um compositor
Mas faço este sambinha pra você
Apenas como prova de amizade e
muito amor
Que eu peço a Deus criador
Que abençoe o seu viver
E hoje completando dois aninhos de
idade
Pra você desejamos a felicidade*

*Você veio nesta terra
Pra cumprir sua missão
Pois o espírito é que é eterno
E a morte é ilusão
Quero que você conheça
Este mundo social
E também que não esqueça
Da vida espiritual*

*Juna, ô Juna
Sua beleza e alegria não tem igual
Juna ô Juna
Que parece uma princesa de uma
família real*

Juna, Juna

Preciso Descansar

*Ai, meu Deus
Tá chegando a minha idade
Eu sinto meu corpo cansado
E querendo aposentar*

*Faz muitos anos
Que eu trabalho empregado
Tenho a cuca saturada
Precisando descansar*

*Eu não tolero
Mais conversa de patrão
Falatório, lero-lero
Reclamando da minha produção*

*Eu, decidido
Chego pra ele e digo:
“Ô patrão, me mande embora
Que eu não quero confusão”*

*O trabalho é muito honrado
Digo isso com razão
Mesmo sendo humilhado
Magoando o coração*

*Quem se humilha é exaltado
Disse o Senhor Jesus
Que alivia seus pecados
Carregando a sua cruz*

Paixão remediada

Poema do tio Manuel

A Tia Maria declamou este poema no dia 13.01.2008, que teria sido dado pelo Tio Manuel à Tia Lica, na década de 50. Como ela disse que o poema não tinha título, ousamos dar o nome de "Paixão remediada".

*Tenha paciência, meu bem
Não se vexe, nem se canse
O tempo é senhor de tudo
Nada sem tempo se faz
O tempo leva e traz*

*Assim, não haja descuido
Eu, como no tempo cuido
E no tempo espero também
Quem com tempo espera tempo
Há tempo mais alegria
Ou com mais ou menos dias
Tenha paciência, meu bem*

*Pode a chuva não chover
De tudo o sol se abrasar
Deixarei de te amar
Só se isso não puder ser
Mas eu só quero você
Que foi quem me mereceu
Outra para mim não nasceu
E acho que não nascerá
Se tu souber me amar
Ainda hei de te contar*



youtu.be/5_neZFmeidE

*Se eu ainda for teu
Assim como tenho vontade
Te contarei de verdade
O que eu por ti passei
As penas que passei
Fui pesar numa balança
Causou uma terna mudança
Mas os pesos deram certo
Já quero ficar mais certo
Não perca a esperança*

*Mandei buscar na farmácia
Remédio pra curar a paixão
Mandaram-me um pé de beijo
E um pedaço de coração
Duas gramas de desprezo
Um litro de resolução
27 gramas de experiência
Uma boa dose de tempo
E um litro de água de
consideração*

*Mistura-se com o fogo do amor
Junta-se com o açúcar do esquecimento
Mexe com uma colher de melancolia
E despeja num garrafão
Tampado com a rolha da inocência*

*
**

BELO HORIZONTE, MARÇO DE 2018.